

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Fábio Batista de Sousa

As muitas psicologias:

reflexões sobre diferentes projetos ético-políticos da profissão para pensar a formação

Mestrado em Educação: Psicologia da Educação

São Paulo

2021

Fábio Batista de Sousa

As muitas psicologias:

reflexões sobre diferentes projetos ético-políticos da profissão para pensar a formação

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação: Psicologia da Educação, sob orientação da Prof^a Dr^a. Luciana Szymanski.

São Paulo

2021

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processos fotocopiados ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Data: _____

E-mail: fabiob.psico@gmail.com

Sousa, Fábio Batista de

As muitas psicologias: reflexões sobre diferentes projetos ético-políticos da profissão para pensar a formação / Fábio Batista de Sousa. -- São Paulo: 2021.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Szymanski. Dissertação.

Mestrado em Educação: Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós Graduados em Educação: Psicologia da Educação.

Área: Educação: Psicologia da Educação

1. Formação de Psicóloga. 2. Pandemia. 3. Fenomenologia. 4. Hermenêutica 5. Psicologia. I. Sousa, Fábio Batista de II. Szymanski, Luciana. III. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação. IV. As muitas psicologias: reflexões sobre diferentes projetos ético-políticos da profissão para pensar a formação

Folha de Aprovação de Mestrado

Nome: Fábio Batista de Sousa

Título: As muitas psicologias: reflexões sobre diferentes projetos ético-políticos da profissão para pensar a formação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), para o título de Mestre em Psicologia da Educação.

Aprovado em: ___/___/___

Banca Examinadora

Orientadora: Profa. Dra. _____

Assinatura: _____

Profa. Dra. _____ Julgamento: _____

Assinatura: _____

Profa. Dra. _____ Julgamento: _____

Assinatura: _____

Este trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Processo 157717/2019-4.

À minha mãe, Beth.

AGRADECIMENTOS

Inicio agradecendo a minha família de origem, a Beth, a minha mãe, ao Zé, o meu pai, e ao Felipe, o meu irmão. O afeto e o cuidado de vocês tornaram possível chegar até aqui.

A Ana, minha companheira, por tudo o que a vida ao seu lado proporciona, o afeto, o sossego, o crescimento, o que somos e sonhamos.

Ao Junin (in memorian), pela amizade e pelas risadas que ainda nutrem e reverberam.

A Ju Capucho, pela preciosa e rara amizade.

A Liza, Leo, Camila e Natália por terem me acolhido e tornado possível a minha graduação em psicologia.

A Helen, Adriana, Alexandre e Renata, por somarem e compartilharem comigo as suas respectivas famílias.

Ao André, Eric, Ju Barros, Lukão, o Ricardo, Rosi, Thais e Willian, pelas amizades que em diferentes momentos disponibilizaram acolhidas, incentivos, reflexões e risadas.

A Cynthia e ao Vini, pela amizade e generosidade desde o meu primeiro dia na PUC-SP.

Ao Roberto e a Marley, pelas escutas atenciosas e respeitadas.

A Luciana, minha orientadora, pela acolhida, respeito e direcionamento nos inúmeros momentos que compuseram esta pesquisa.

As Professoras Mimi e Renata, por terem aceitado pensar comigo este trabalho.

Ao PED/PUC-SP, pelo espaço de crescimento ofertado.

Ao Marcos, do CEDOC, pelo suporte e disponibilidade.

As professoras e psicólogas que ao longo de minha jornada me impeliram a refletir possibilidades para a psicologia brasileira.

E a população brasileira, que através da CNPQ tornou possível a realização deste trabalho.

|
|
"Me lembro como se fosse ontem da minha mãe me falando para estudar e ser alguém na vida [...], me lembro dos seus discursos sobre honestidade, de como deveríamos ser e agir." (Adaptado de Dead Fish).

RESUMO

O aumento do número de psicólogas inscritas no Sistema Conselhos de Psicologia nas últimas décadas, a presença e a importância cada vez maior destas na sociedade brasileira e a recente Pandemia de Covid-19 alicerçaram a realização desta pesquisa, que propôs uma reflexão sobre a atuação da psicóloga em tempos pandêmicos à luz do pensamento fenomenológico-hermenêutico. A entrevista reflexiva foi o procedimento escolhido para a coleta de dados. Foram entrevistadas duas psicólogas, membras das chapas que no ano de 2019 concorreram à administração do plenário do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, instituição que representa a profissão, no estado, tanto institucional quanto socialmente. Vale ressaltar que a pesquisa foi analisada e aprovada por Comitê de Ética em Pesquisa. A análise das narrativas ocorreu a partir da elaboração de unidades de sentido e constelações. As constelações evidenciaram que são enxergadas possibilidades para o CRP-SP, que atualmente é visto como distante e carente de sentido. Acerca da atuação na pandemia, considera-se que o enfrentamento desta realidade tem sido algo árduo tanto para a categoria profissional quanto para a autarquia, posto que ações coletivas, como políticas públicas, seriam as intervenções mais eficazes. Sobre a formação em psicologia, entende-se que o curso de graduação oferecido em algumas instituições de ensino é deficitário. O desejável é que a formação colabore com a constituição de uma identidade profissional e o desenvolvimento de um pensamento crítico, criando condições para uma atuação responsável ética e tecnicamente, garantindo condições para a subsistência da profissional e possibilitando a transformação da sociedade.

Palavras-chaves: Formação de Psicóloga. Pandemia. Fenomenologia. Hermenêutica. Psicologia.

ABSTRACT

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEP	Associação Brasileira de Ensino de Psicologia
ABMES	Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior
CES	Câmara de Educação Superior
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CNE	Conselho Nacional de Educação
CRP	Conselho Regional de Psicologia
Crepop	Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas
DCN's	Diretrizes Curriculares Nacionais
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
IGSP	Instituto Gestalt de São Paulo
NASF-AB	Núcleo de Apoio à Saúde da Família em Atenção Básica
ProUni	Programa Universidade Para Todos
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

Prefácio	13
A trajetória profissional do pesquisador: compartilhando significados e elaborando sentidos	13
1. Introdução	17
1.1 Justificando o problema de pesquisa: o crescimento da profissão de psicóloga no Brasil	18
2. MÉTODO	20
2.1 Contribuições do pensamento fenomenológico-hermenêutico na pesquisa qualitativa em educação	20
2.2 A fenomenologia husserliana	20
2.3 A temporalidade na fenomenologia-existencial-hermenêutica de Martin Heidegger	22
2.4 A Entrevista reflexiva como recurso metodológico na pesquisa em educação	23
2.5 Das unidades de sentido às constelações: contribuições da teoria hermenêutica para a análise das entrevistas	25
3. CONHECENDO O CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO E O SEU PROCESSO ELEITORAL	27
3.1 Apresentando o CRP-SP	27
3.2 O processo eleitoral no CRP-SP	29
3.3 As chapas que concorreram na eleição de 2019	29
3.4 Conhecendo as psicólogas entrevistadas	30
4. APRESENTANDO OS RESULTADOS: das constelações à formação em psicologia	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	47
ANEXOS	51
ANEXO 1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	51
ANEXO 2 - ENTREVISTAS	53
ANEXO 3 – Tabela descritiva “Unidades de sentido e Constelações”	85

Prefácio

A trajetória profissional do pesquisador: compartilhando significados e elaborando sentidos

Comecei a cursar Psicologia em agosto de 2008; antes deste período, pouco compreendia desta ciência e profissão, nunca havia feito psicoterapia, tampouco conhecia profissionais que atuassem na área. As raras informações que possuía haviam sido obtidas em “guias” e “manuais para estudantes” destinados a vestibulandos. Penso que, nesta época, meu contato mais próximo ocorria através de minha mãe, que, durante a maior parte de sua vida profissional atuou como pedagoga no ensino fundamental em escolas públicas, e constantemente dialogava em nossa casa sobre o seu cotidiano profissional, que era permeado por temas comuns no campo da psicologia, como a alfabetização, o desenvolvimento infantil e a inclusão de pessoas com necessidades especiais.

Cursei a graduação em Psicologia na Universidade Presbiteriana Mackenzie, na cidade de São Paulo, e estudar nessa instituição foi possível após minha participação no processo seletivo do Programa Universidade Para Todos (Prouni). Neste processo fui contemplado com uma bolsa de estudos integral, mudei do interior do estado para a capital e passei a morar com uma tia materna. O curso durou os cinco anos previstos e, assim, coleei grau em julho de 2013. Participei, na graduação, de diversos eventos, discussões e momentos de reflexões realizados na faculdade. Em determinado período, buscando conhecer outros saberes e possibilidades de vivenciar a academia, compus uma comissão de alunos que organizou algumas semanas acadêmicas do curso. Na segunda metade da graduação realizei um estágio extracurricular no Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP-SP). Inicialmente, atuei como parecerista, avaliando trabalhos que foram inscritos na “II Mostra Estadual de Práticas Inovadoras em Psicologia” (2011). Posteriormente, auxiliei na organização da “2ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia” (2012), evento que foi realizado para celebrar os 50 anos da regulamentação da profissão de psicóloga¹ no país. Além dos eventos, neste período também compus a equipe técnica do Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas (CREPOP/CRP-SP).

¹ No VII Congresso Nacional da Psicologia (2010), foi proposto que o Sistema Conselhos de Psicologias adotasse a escrita engendrada como forma de promover a igualdade entre os gêneros na Psicologia, no campo científico, e na sociedade. Compreendendo a representatividade política deste ato e considerando a predominância de mulheres nesta profissão, optamos por utilizar neste trabalho a terminologia “psicólogas”.

O período de estágio durou pouco mais de um ano e meio - acompanhando o término da minha graduação, as minhas atividades consistiam em colaborar para com a coleta e a análise de dados, a elaboração de relatórios descritivos, o diálogo com instituições e o lançamento das referências técnicas produzidas pelo CREPOP. Portanto, de maneira geral, por diversas vezes participei de encontros, rodas de conversas e diálogos com psicólogas que atuavam nos mais diferentes campos e temáticas, tais como, educação básica, assistência social, gênero e sexualidade, atendimento à mulher vítima de violência, saúde mental, entre outras. Nesses espaços, a maioria das profissionais compartilhavam com veemência as dificuldades vivenciadas em seus respectivos campos de atuação e, também, frequentemente manifestavam um sentimento de descontentamento, fruto da crença de que a graduação não as capacitou suficientemente para as nuances do exercício profissional. Esta é uma experiência que ainda reverbera em mim, e isto será retomado adiante.

Terminada a graduação, me deparei com uma realidade que acredito ser comum às recém-formadas, poucas oportunidades e incerteza profissional. Assim, voltei para o interior, onde moravam os meus pais e iniciei a carreira como psicólogo clínico em consultório particular. No último mês de abril de 2021 completei oito anos intervindo neste campo. Outrora atendi crianças e pré-adolescentes, atualmente dedico o meu trabalho à população jovem-adulta. Logo após iniciar os atendimentos comecei a cursar uma especialização em Psicologia Clínica, com ênfase em Gestalt-terapia, no Instituto Gestalt de São Paulo (IGSP). Pontuo que, apesar do curso enfatizar a psicoterapia clínica, a turma era composta por profissionais oriundas de diferentes campos e serviços, diversidade que me propiciou conhecer outras realidades profissionais, e também, refletir sobre as condições objetivas e subjetivas que envolvem o exercício do magistério, pois passei a conviver com inúmeras professoras Gestalt-terapeutas, que constantemente discorriam sobre as possibilidades de exercitar a clínica, bem como à docência.

Trabalhar na clínica sempre foi uma experiência que me satisfez muito, mas não é algo que esgota o meu projeto profissional, tanto que, ao longo da minha formação, desenvolvi um interesse pela carreira acadêmica de modo que, quando surgiu a oportunidade, passei a lecionar no curso de graduação em Psicologia de uma instituição privada de ensino superior localizada no interior do estado de Mato Grosso do Sul. Como um todo, as disciplinas que lecionei parcialmente dialogavam com eixos em que tenho conduzido os meus estudos e atuação: “Teoria Existencial-Humanista” e “Psicologia Social-Políticas Públicas em Psicologia”.

Além de ministrar aulas regulares, vivenciei a docência em outras atividades, como nas discussões e elaboração do novo projeto político-pedagógico e da nova matriz curricular do curso de Psicologia; na orientação de trabalhos de conclusão de curso e de iniciações científicas; na organização de semanas acadêmicas de Psicologia; na condução de palestras e também na realização de cursos de extensão. Nessas práticas, de maneira geral, as temáticas dialogavam com a Gestalt-terapia, as políticas públicas em Psicologia, e/ou a promoção de saúde mental e dos direitos humanos.

Foram cerca de três anos e meio de atuação no campo da docência e, assim como a clínica, considero que foi uma experiência satisfatória e da qual me orgulho, sendo que, em decorrência do que foi vivido, passei a contemplar sobre como poderia aprimorar a minha atuação e contribuir com a formação de futuras profissionais. Neste percurso, comumente relembrei do período em que fui estagiário no CREPOP e dos relatos de desamparo profissional que testemunhei. Tratam-se de experiências que terminaram, mas também, de reflexões que permaneceram.

Em outra seara da minha vida profissional, entre 2018 e 2019 atuei como psicólogo da saúde no Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica de Ilha Solteira-SP (NASF-AB). Durante este período, compus diferentes equipes multiprofissionais que buscavam promover a saúde e a qualidade de vida através do cuidado integral da população em seus respectivos territórios. Desta forma, minha atuação abarcou as mais diferentes áreas, envolvendo o planejamento de ações, a capacitação de profissionais e o atendimento à população. Como um todo, foi uma realidade interessante e diferente daquilo que já havia exercido profissionalmente. Acrescento que a minha atuação no NASF-AB também é atravessada pelo fato de que nas equipes mencionadas haviam algumas ex-alunas, ou seja, pessoas que tiveram a sua formação profissional afetada pelo meu trabalho enquanto docente.

Após revisitar o meu percurso acadêmico-profissional, pondero que usufrui das oportunidades de transitar por diferentes espaços nos campos da educação, saúde e das políticas públicas. Posto que, independentemente do cenário, sempre busquei me posicionar segundo os preceitos éticos, políticos e teóricos que orientam a profissão de psicóloga. E então, percebo que, se por um lado aprendi a contribuir respondendo às demandas que surgiram nos diferentes espaços, por outro, também compreendi que era fundamental conceber questionamentos que igualmente poderiam colaborar.

Enquanto atuava nos diferentes campos, simultaneamente, pesquisei sobre “formação de psicólogas”, acompanhei as discussões e participei de alguns eventos organizados pela Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP), em parceria com os Sistemas Conselhos de Psicologia acerca das novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) dos cursos de graduação em Psicologia (ABEP, 2019). Entre questionamentos e respostas, o que foi narrado me tornou prontamente interessado em dar continuidade aos meus estudos, cursar um programa de mestrado e discutir a formação em Psicologia.

1. Introdução

O presente estudo acompanhou o surgimento e a disseminação da pandemia de Covid-19, uma síndrome respiratória infectocontagiosa que vitimou centenas de milhares de pessoas pelo mundo; num primeiro instante, pelo óbito e pelo luto, e num segundo instante, pela necessidade de isolamento, pelo aprofundamento da desigualdade social, da fome, das violências, da precarização dos serviços de saúde e do sofrimento psíquico. A pandemia será retomada ao longo do trabalho, entretanto, registra-se que neste momento, no Brasil, a ciência foi escamoteada pelo governo federal que poderia ter contribuído (ou não atrapalhado) para o enfrentamento desta realidade. Sendo assim, considerando o atual contexto social, político e econômico brasileiro, e também, as reflexões vivenciadas enquanto aluno do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da PUC-SP, amadureci o propósito de estudar narrativas sobre a atuação da psicóloga brasileira e alarguei o interesse para a formação e atuação em tempos pandêmicos.

Comunica-se que o intuito deste trabalho é compreender as percepções e as narrativas dos movimentos que se dispuseram a administrar uma das instituições que regula a Psicologia brasileira (Lei 5766/71), o CRP-SP; posto que também são almejadas possibilidades de colaboração para que a formação das discentes sejam alvo de reflexão. A pesquisa, por sua vez, possui como problema a seguinte questão: **Qual a concepção de atuação profissional na situação de pandemia para as representantes das chapas que concorreram ao (plenário do) CRP-SP em 2019?**

A escolha pelo diálogo com os coletivos que pleitearam conduzir o CRP-SP é pautada no entendimento de que esta autarquia representa a profissão de psicóloga tanto institucionalmente quanto socialmente, estando entre as suas atribuições “[...] orientar, disciplinar e fiscalizar o exercício da profissão.” (BRASIL, 1971, 1977). Por isso, no capítulo “Conhecendo o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo e o seu Processo Eleitoral” serão abordadas a implementação desta instituição, a sua regulamentação, as atribuições, a organização, o processo eleitoral e os movimentos que recentemente buscaram conduzi-la. Entende-se que, por esta ser uma entidade capaz de apresentar dados que descrevem as realidades da profissão, também pode ser capaz de ponderar sobre a mesma. Nesta pesquisa, há o interesse de escutar tanto quem no momento está conduzindo o CRP-SP quanto quem pleiteou, mas não foi eleito, pois narrativas diferentes e, talvez até divergentes, são importantes para a investigação.

As entrevistas foram interpretadas à luz do pensamento fenomenológico-hermenêutico que me foi apresentado no contexto da graduação, revisitado na formação em Gestalt-terapia² e aprofundado ao longo do mestrado. Assim, no capítulo “MÉTODOS” foi explicitado o caminho, o referencial teórico e os procedimentos de coleta e análises de dados. Deste modo, serão retomados aspectos da fenomenologia de Husserl, da fenomenologia-existencial de Heidegger e da teoria hermenêutica de Gadamer. Nos procedimentos, será retomada a entrevista reflexiva como recurso de pesquisa qualitativa em educação e apresentada a maneira como as narrativas foram analisadas, a partir da elaboração de unidades de sentido e constelações. Estas estão presentes no capítulo “APRESENTANDO OS RESULTADOS: Das constelações à formação em psicologia”, e na sequência, estão presentes as “Considerações finais” da pesquisa.

1.1 Justificando o problema de pesquisa: o crescimento da profissão de psicóloga no Brasil

A realização desta pesquisa considerou o crescimento de profissionais inscritas junto aos Sistemas Conselhos de Psicologia nas últimas décadas, a aproximação da Psicologia à população brasileira, e as possíveis atuações destas profissionais na situação de pandemia.

Acerca do crescimento da categoria, tomando-se como referência os dados obtidos na primeira década dos anos 2000, período em que foram implementados o Fies (1999) e o ProUni³ (2004), o número de inscrições no Sistema Conselhos passou de 74.756 para 127.589 psicólogas, o que corresponde a um crescimento de 70% no período se comparado com a quantidade de profissionais cadastradas na década anterior. No que diz respeito ao período seguinte, de 2010 a 2019, o crescimento se manteve e atingiu a marca de 65%, o que corresponde a um total de 232.465 adesões, que por sua vez colaboraram para que fosse alcançada a marca de 391.106 profissionais cadastradas ativamente em 24 de março de 2021 - período em que este trabalho foi encaminhado para o exame de qualificação. No momento em

² A Gestalt-terapia é uma abordagem psicológica que foi desenvolvida na metade do século XX pelo “grupo dos sete” autores. Na perspectiva gestáltica, o ser humano é compreendido de maneira holística; um organismo que não possui divisão entre mente e corpo, com capacidade de realizar escolhas, possibilidades de agir criativamente e se desenvolver, cuja existência ocorre no campo organismo/ambiente.

³ O Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES) e o Programa Universidade Para Todos (Prouni) são ações governamentais criadas pelo Ministério da Educação (MEC) com o intuito de promover a inserção da população brasileira no ensino superior. O primeiro através de crédito educativo e o segundo através da concessão de bolsas de estudo.

que este trabalho foi enviado para avaliação, 413.878 profissionais estavam inscritas ativamente.

Portanto, diante da realidade descrita, entende-se que reflexões acadêmicas são fundamentais para a compreensão e discussão desta realidade, assim, a realização deste estudo é justificável tanto cientificamente quanto socialmente.

2. MÉTODO

Esforce-se por amar as suas próprias dúvidas como se cada uma delas fosse um quarto fechado, um livro escrito em língua estrangeira. Não procure, por enquanto, respostas que não lhe podem ser dadas, porque não saberia ainda pô-las em prática, vivê-las. E trata-se, precisamente, de viver tudo. De momento, viva apenas as suas interrogações. Talvez que, simplesmente vivendo-as, acabe por penetrar insensivelmente nas respostas. (Rainer Maria Rilke).

2.1 Contribuições do pensamento fenomenológico-hermenêutico na pesquisa qualitativa em educação

Este é um estudo qualitativo, que recorreu ao aporte teórico das fenomenologias husserliana e existencial heideggeriana, como também, da hermenêutica gadameriana. Assim, neste capítulo serão retomados aspectos e contribuições destas formas de pensar.

2.2 A fenomenologia husserliana

O desenvolvimento da obra de Edmund Husserl (1859-1938) é simultâneo ao período em que ocorreu uma crise das ciências europeias, na segunda metade do século XIX. Estas estavam sendo questionadas acerca dos seus objetos de estudos, do rigor adotado e da metodologia empregada nas pesquisas. Neste cenário, Husserl, que inicialmente estava interessado em elaborar uma epistemologia que pudesse abarcar as diferentes ciências, compreendeu que a especificidade de cada campo inviabiliza a existência de uma teoria que seja tão ampla, e elaborou uma nova possibilidade de realizar pesquisas em ciências humanas, a fenomenologia. Critelli (1996, p. 26) sintetiza que “[...] a fenomenologia não nasceu como um método [...], mas, grosso modo: como um questionamento da dissolução da filosofia no modo científico de pensar”.

Recupera-se que Husserl não foi o pioneiro no uso do termo fenomenologia, que também pode ser encontrada nas obras de outros autores, como os filósofos Immanuel Kant e Georg Hegel (DARTIGUES, 2013). Entretanto, foi com Husserl que este conceito passou a nomear um novo método científico. Explica-se que etimologicamente, fenomenologia significa “reflexão sobre o fenômeno manifesto” (MULLER-GRANZOTTO; MULLER GRANZOTTO, 2012; REHFELD, 2013), concepção que ilustra a proposta deste modo de pesquisar, pautado

na investigação do pré-reflexivo, da intuição e da sensibilidade, que são expressos nas compreensões e sentidos atribuídos a um determinado fenômeno (REHFELD, 2013).

Por fenômeno, entende-se que este pode ser um objeto, por exemplo, uma caneta ou um girassol, ao ponto que também pode ser uma vivência ou um afeto, como a temática abordada nesta pesquisa, a atuação da psicóloga na situação de pandemia. Aqui, o fundamental é buscar entender a maneira que um dado fenômeno foi experienciado por um determinado sujeito cognoscente. Dito isto, enfatiza-se que o método fenomenológico rejeita suposições, deduções e hipóteses elaboradas *a priori*, posto que o conhecimento oriundo deste modo de pensar se constitui a partir da compreensão de relatos do que foi percebido e como foi percebido. Postura metodológica que demarca uma oposição de Husserl ao psicologismo e ao naturalismo recorrentes nas ciências da época (PORTA, 2002).

Ainda sobre a maneira como um fenômeno é percebido, explicita-se que diferentes pessoas podem apreender um mesmo fenômeno de maneiras diferentes, e até mesmo, uma única pessoa pode perceber o mesmo de inúmeras maneiras. Retomando como exemplo a atuação da psicóloga na situação de pandemia, exemplifica-se que cada profissional poderia fazer menção às perdas motivadas pelo luto, as incertezas profissionais ou até mesmo mudanças pessoais vivenciadas durante o período.

As possíveis compreensões mencionadas no parágrafo anterior são alcançadas através da descrição do fenômeno pela pessoa que o vivencia, ao ponto que da pesquisadora que atua numa perspectiva fenomenológica é rigorosamente esperado que momentaneamente “suspenda” ou coloque entre parênteses as suas percepções acerca do fenômeno que está sendo estudado, pois, somente assim é possível acessar o fenômeno tal como a pessoa que o experiencia. Nesta perspectiva, o ato de descrever é nomeado como desvelamento, a essência que está sendo procurada é conhecida como *eidos*, e a suspensão momentânea acerca do que é conhecido pela pesquisadora, é chamada de *epoché* (REHFELD, 2013).

Ao discorrer sobre a relação entre o sujeito que observa e o fenômeno que é observado, torna-se necessário abordar as noções de consciência e intencionalidade em fenomenologia. Nesta perspectiva, ao contrário do que comumente ocorre, a consciência não é vista como sendo um local ou uma parte da estrutura psíquica, mas como algo dinâmico, um ato orientado para um determinado fenômeno. Este pode ser algo como pensar, sentir e lembrar, e o fenômeno, como foi mencionado anteriormente, pode ser algo como um girassol ou a apresentação de uma dissertação de mestrado. O fundamental é assinalar que a consciência sempre estará direcionada

para um objeto, o que demarca o “princípio da intencionalidade” (DARTIGUES, 2013, p. 22) visto que “[...] toda consciência é consciência de algo”.

Explica-se que Husserl, ao elaborar a fenomenologia, não buscou substituir o método positivista, mas apresentar uma outra possibilidade de realizar investigações, sendo que o método fenomenológico não anseia o estabelecimento de verdades inexoráveis, e sim, relatar como um fenômeno pode ser percebido, “retornando às coisas mesmas” ao invés de estudar representações. Neste momento, recupera-se o entendimento de Masini (1993) que aponta que “[...] o pesquisador renúncia assim à atividade de apenas constatar ou comprovar dados e busca compreendê-los na totalidade da vida da pessoa com quem lida”.

Adotando como exemplo esta pesquisa, cada uma das entrevistadas apresentou inúmeras compreensões acerca da atuação profissional da psicóloga. Sobre esta miríade de possibilidades, Critelli (1996, p. 13) explica que “[...] o reconhecimento da relatividade da perspectiva é, simultânea e necessariamente, o reconhecimento da relatividade da verdade”.

Por fim, retoma-se que a fenomenologia, “[...] a ciência descritiva das essências da consciência e de seus atos” (DARTIGUES, 2013, p.24), enquanto método de pesquisa demanda uma postura reflexiva, semelhante ao “[...] talhamento de um olhar” (CRITELLI, 1996, p.16).

2.3 A temporalidade na fenomenologia-existencial-hermenêutica de Martin

Heidegger

Discípulo de Husserl, Martin Heidegger (1889-1976) partiu da fenomenologia e desenvolveu uma nova forma de pensar, uma ontologia, que entre outras contribuições, teceu reflexões acerca da questão do ser e da historicidade.

Heidegger compreendeu que o modo de pensar ocidental, a metafísica pautada no cogito cartesiano e que intentava a busca pela verdade inquestionável estava equivocada, pois partia de categorias inadequadas para pensar o ser humano – aqui nomeado como “dasein” -, visto que negava alguns aspectos da condição humana, como a sua cotidianidade e transitoriedade. Critelli (1996, p. 15) explicou que a ontologia heideggeriana:

[...] não é somente um modo de pensar com que a metafísica instrui o homem ocidental, mas um modo de ser-no-mundo; um modo de habitar o mundo, de instalar-se nele, de conduzir sua vida e a dos outros homens com quem convive de forma próxima ou distante.

Portanto, em Heidegger a reflexão sobre a produção de conhecimento acompanhou uma análise sobre o que é “ser”, e consequentemente evidenciou algumas características deste ser, tais como, a afetividade, o ser-com a corporeidade, e a temporalidade.

Heidegger também apontou que, ao nascer, o *dasein* é lançado num mundo hermeneuticamente herdado e a sua existência não possui um sentido *a priori*. Assim, o *dasein* se constitui nas suas possibilidades e/ou no seu projeto de vida, é um eterno vir-a-ser num campo de relações significativas com outros *daseins*. Explica-se que a não-determinação do existir e a provisoriedade do mundo evocam uma sensação de angústia no *dasein*, que comumente busca evitar este afeto, contudo, trata-se uma condição humana, que deveria fundamentar o modo de perceber e se relacionar com o mundo.

Enfatiza-se que a impermanência mundana faz com que os sentidos e os significados elaborados a partir da vivência do *dasein* sejam históricos, estando estas compreensões atreladas a determinados períodos de tempo e espaço. Assim, se até recentemente a Psicologia, enquanto ciência e profissão, não havia se ocupado com uma situação semelhante à pandemia de Covid-19, no presente torna-se necessário colocar este contexto em questão, visto que a maneira como o mundo é experienciado foi alterada por este fenômeno, constituindo novos sentidos, inclusive o do exercício profissional.

2.4 A Entrevista reflexiva como recurso metodológico na pesquisa em educação

A entrevista é um recurso comumente utilizado nas pesquisas qualitativas, e a opção por esta ferramenta, está pautada no entendimento de que este diálogo habitualmente possibilita ao pesquisador obter dados que dificilmente seriam obtidos através de outros instrumentos, como as percepções, opiniões e afetos de uma pessoa acerca de um determinado fenômeno.

Sobre a entrevista reflexiva (SZYMANSKI, 2018), modalidade adotada neste trabalho, essa possui como características o reconhecimento das subjetividades envolvidas, a busca pela horizontalidade na interação entre entrevistador e entrevistado e o fato de ser semidirigida. Assim, de um lado desta relação, coloca-se respeitosamente o entrevistador, que desejando compreender um determinado fenômeno se propõe ouvir o entrevistado, o outro lado da relação, que no momento em que aceitou participar da entrevista, se dispôs a participar com um processo de investigação compartilhando as suas compreensões acerca do que está sendo estudado.

Explica-se que a necessidade de elaborar uma narrativa para responder a investigação, demanda a entrevistada que recobre a sua experiência, organize as suas ideias e reflita acerca do fenômeno que está sendo contemplado. Assim, além da obtenção de respostas para os questionamentos, durante o processo de diálogo e tentativa de compreensão, ocorre uma espécie de “intervenção [...] desencadeada pela atuação do entrevistador, no sentido de explicitar sua compreensão do discurso do entrevistado, de tomar presente e dar voz às ideias que foram expressas por ele” (SZYMANSKI, 2018, p. 17).

Hermann (2003) possui um entendimento semelhante, esta autora explica que: “[...] o diálogo possibilita condições de reflexão sobre um entendimento ainda não disponível; ou seja, concede aos participantes a oportunidade de fazer uma auto-reflexão sobre seus pontos de vista” (HERMANN, 2003, p. 58). Deste modo, na sequência, a descrição de como ocorreram as entrevistas.

Foram entrevistadas duas psicólogas que participaram do pleito eleitoral de 2019, uma componente da chapa “DIVERSA: Em defesa da psicologia e dos direitos humanos” e uma da chapa “Renovação - Acorda Psicologia”. Por conta da situação de pandemia, as entrevistas foram *on-line* e ocorreram nos meses de maio e junho de 2021.

O contato com estas representantes aconteceu após consultas ao material gráfico eleitoral disponibilizado no site do CRP-SP. Assim, algumas membras das chapas foram acionadas via *e-mail*, currículo lattes ou redes sociais. Nesta aproximação, o autor da pesquisa se apresentou, explicou o objetivo do estudo e convidou as psicólogas a participarem de uma entrevista *on-line*. As psicólogas que retornaram o contato foram convidadas para as entrevistas.

Quanto às entrevistas, inicialmente o pesquisador se apresentou, retomou os objetivos da pesquisa e requisitou a autorização para gravar a entrevista e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, este pode ser conferido no ANEXO 1. A pesquisa foi enviada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP Monte Alegre, – e está registrada sob o número do Parecer 5.017.570 na Plataforma Brasil. Então, a fim de promover uma espécie de aquecimento, foi solicitado às participantes que contassem um pouco sobre a sua atuação enquanto profissionais e os movimentos que respectivamente faziam parte.

Num segundo momento, foi perguntado às entrevistadas: “**Como o coletivo do qual você faz parte compreende a atuação da psicóloga na situação de pandemia?**”. A partir desta resposta, ao longo da entrevista outros questionamentos foram realizados. Sendo que os encontros foram encerrados quando o pesquisador entendeu não possuir mais dúvidas acerca

do que havia sido discutido. Terminadas as entrevistas, estas foram transcritas e a análise realizada.

2.5 Das unidades de sentido às constelações: contribuições da teoria hermenêutica para a análise das entrevistas

Com as narrativas transcritas, o material foi lido e relido, iniciando o que Hans-Georg Gadamer (1900-2002) descreveu como conversação com o texto. Este processo dialógico compõe a análise hermenêutica e possibilita revelar a verdade oriunda da experiência humana (GADAMER, 2002).

Retoma-se que a hermenêutica desenvolvida por Gadamer, que oferece uma fundamentação teórica-metodológica, recebeu contribuições da fenomenologia-existencial heideggeriana, e considera que a estética, a história e a linguagem são aspectos constituintes de um processo de análise (FLICKINGER, 2014). Nesta perspectiva, a compreensão é uma característica ontológica do *dasein*, tratando-se a verdade o que é percebido num determinado momento (BARRETO; PRADO; LEITE, 2019).

Conforme mencionado, este modo de analisar propõe um diálogo entre pesquisador e texto. A partir da leitura são projetados sentidos acerca do texto, posto que estes sentidos são antecipações oriundas de expectativas ou do que o pesquisador conhece sobre a temática. Contudo, a continuidade da leitura colabora para que estas projeções sejam revistas e a compreensão do fenômeno ampliada. É um movimento dialético entre o todo e as partes (HERMANN, 2003). Aqui, os significados apreendidos das narrativas recebem o nome de unidade de sentido e o contexto em que este procedimento de análise ocorre é o círculo hermenêutico (SZYMANSKI, 2004). Em “Verdade e Método”, Gadamer (2002) utiliza como exemplo o aprendizado de uma nova língua para explicar o círculo hermenêutico:

Ali aprendemos que precisamos ‘construir’ uma frase, antes de procurar compreender suas partes singulares, em sua significação dentro da linguagem. O próprio processo da construção, no entanto, já está dirigido por uma expectativa de sentido que provém do contexto anterior. (GADAMER, 2002, p. 72).

Com as unidades de sentido reveladas, discute-se a elaboração de constelações. Estas correspondem ao aglomerado de unidades de sentido, ou, a maneira como o pesquisador organizou os significados que foram acessados. Szymanski (2004) recorre a Gleiser (2003), para explicar que a terminologia “constelações”, é uma analogia à maneira como os corpos celestes podem ser percebidos e descritos. Segundo Gleiser (2003), ao observar o céu, as tribos

indígenas Guarani e Xingu enxergam as estrelas e os vácuos de maneiras distintas, fazendo menções e nomeando os fenômenos de maneiras diferentes. Este relato ilustra como são inúmeras as possibilidades de interpretação de um determinado fenômeno. Sobre as constelações enquanto procedimento de análise, Szymanski, Szymanski e Facchim (2019) tematizam que:

[...] reconhecer que o agrupamento das partes do texto em constelações é resultado do lugar onde nos encontramos é importante para lembrar que toda compreensão é situada. A aglutinação das falas em conjuntos segue um critério subjetivo, como as constelações do firmamento olhadas pelas diferentes culturas, e é desejável esclarecer o que orientou a escolha das falas naquele conjunto. (p. 21).

Acerca do rigor do método hermenêutico, Hermann (2003) explica que nesta proposta de análise deduções são evitadas e a compreensão, sendo a revelação da verdade através das unidades de sentido no círculo hermenêutico, são uma tentativa de “voltar às coisas mesmas”, como propõe o método fenomenológico. Assim, este modo de investigar demanda do pesquisador que mantenha uma postura de abertura perante o texto. No capítulo “APRESENTANDO OS RESULTADOS: Das constelações à formação em psicologia”, apresentaremos as unidades de sentido e as constelações reveladas nesta pesquisa.

3. CONHECENDO O CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO E O SEU PROCESSO ELEITORAL

3.1 Apresentando o CRP-SP

A implementação dos Conselhos Federal e Regionais de Psicologia ocorreu através da promulgação da Lei Federal nº 5.766, de 20 de dezembro de 1971. Esta, no artigo 1º, delimitou que o Sistema Conselhos de Psicologia seriam:

[...] dotados de personalidade jurídica de direito público, autonomia administrativa e financeira, constituindo, em seu conjunto, uma autarquia, destinados a orientar, disciplinar e fiscalizar o exercício da profissão de Psicólogo e zelar pela fiel observância dos princípios de ética e disciplina da classe.

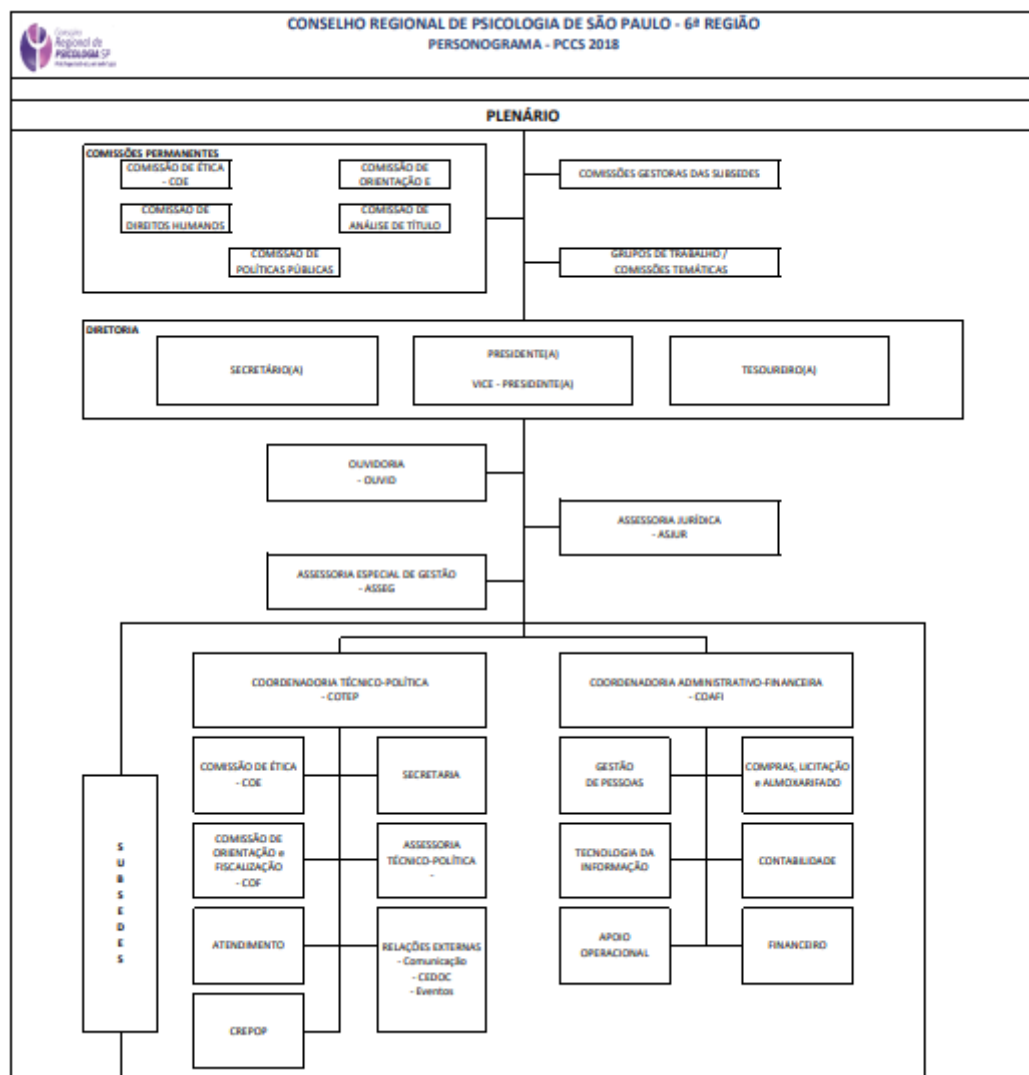
O Conselho Federal de Psicologia possui jurisdição nacional e os Conselhos Regionais operam em determinados estados ou em regiões administrativas, existindo, no presente, 24 áreas de atuação no total. O CRP-SP, que acolhe as entrevistadas nesta pesquisa, abarca as profissionais inscritas no estado de São Paulo, um grupo de 121 mil psicólogas, o que corresponde a 29% das profissionais inscritas no país (CFP, 2021). No que se refere a sua organização, geograficamente o CRP-SP é composto pela sede metropolitana e por dez subsedes distribuídas pelo interior e litoral do estado (CRP-SP, 2021).



Fonte: Adaptado de CRP-SP (2021).

Além da divisão geográfica, a constituição do CRP-SP envolve um quadro com cerca de 120 funcionários exercendo funções administrativas, de atendimento ao público, conservação patrimonial, arquivo e documentação, organização de eventos, secretaria, recursos humanos, segurança, tecnologia, assistência jurídica e publicidade. Uma equipe que responde ao plenário escolhido durante o processo eleitoral.

A chapa eleita também se organiza em comissões destinadas a ações específicas, como a gestão de subsedes, ações de orientação e fiscalização, promoção e defesa dos direitos humanos, e discussões no campo das políticas públicas, entre outras. Frente às demandas da categoria ou da sociedade, comissões, grupos de trabalho ou núcleos temáticos podem ser criados. A seguir, a representação desta estrutura:



Fonte: CRP-SP (2021).

3.2 O processo eleitoral no CRP-SP

As eleições no Sistema Conselhos de Psicologia ocorrem a cada três anos e a votação acontece no dia 27 de agosto - dia da psicóloga. O voto é obrigatório, sendo facultativo após os 65 anos. O pleito seleciona uma chapa para o Conselho Regional com 30 conselheiras, 15 titulares e 15 suplentes. Estão aptas a votar as psicólogas que se encontram adimplentes financeiramente junto a autarquia. A partir do plenário escolhido, anualmente ocorrem votações para a mesa diretora da instituição, que é composta por presidenta, vice-presidenta, secretária e tesoureira.

O processo eleitoral é conduzido por uma Comissão Regional Eleitoral constituída em assembleia e as inscrições das chapas ocorreram durante o Congresso Regional de Psicologia (COREP). Este evento compõe um ciclo de atividades orientadas à discussão e a elaboração de propostas a serem seguidas pela gestão eleita.

3.3 As chapas que concorreram na eleição de 2019

No ano de 2019, três chapas se inscreveram para o pleito, estas foram “Renovação – Acorda Psicologia”, “DIVERSA: Em Defesa da Psicologia e dos Direitos Humanos” e “MPA: Movimento dos Psicólogos em Ação”. As duas primeiras tiveram a inscrição deferida pela Comissão Regional Eleitoral (DOU, 2019), sendo que a chapa “DIVERSA: Em Defesa da Psicologia e dos Direitos Humanos” recebeu 62,4% dos votos válidos e foi a eleita para a condução do XVI plenário do CRP-SP.

A fim de apresentar as chapas que concorreram no pleito, recuperamos alguns trechos presentes nos respectivos materiais gráficos utilizados durante a campanha eleitoral. A menção das chapas tem respeitado a ordem de inscrição no processo eleitoral.

A chapa “Renovação - Acorda Psicologia” se descreveu como sendo:

[...] uma chapa que busca **Renovar** e **Acordar** (grifos do autor) os psicólogos do estado de São Paulo, propondo mudanças necessárias para que nossa ciência e profissão seja valorizada enquanto “Ciência e Profissão”, ou seja, sem viés político partidário e lutando por um conselho Laico. Partimos do pressuposto por princípios éticos, transparência, gestão participativa, regionalização, acolhimento às demandas da categoria e a promoção da psicologia com uma nova gestão do Sistema Conselhos. (RENOVAÇÃO – ACORDA PSICOLOGIA, 2019).

Sobre a segundo coletivo que concorreu, a “Diversa: Em Defesa da Psicologia e dos Direitos Humanos”, esta se apresentou como uma chapa:

[...] composta por um grupo de psicólogas/os que defendem o compromisso da Psicologia com a democracia, a igualdade, e a justiça social e que compõem uma FRENTE EM DEFESA DA PSICOLOGIA (grifos do autor), que se pauta pelo reconhecimento da necessidade do avanço da Psicologia como ciência e profissão, valorizando sua pluralidade nos mais variados campos, áreas de atuação e de produção de conhecimento. (DIVERSA: EM DEFESA DA PSICOLOGIA E DOS DIREITOS HUMANOS, 2019).

Durante a entrevista também foi solicitado às psicólogas que apresentassem o seu movimento, este conteúdo está disponível parcialmente na unidade de sentido “a minha chapa”, no capítulo ANÁLISE, e integralmente nos ANEXOS das entrevistas.

3.4 Conhecendo as psicólogas entrevistadas

Nas entrevistas, foi solicitado às psicólogas que se apresentassem, e estas, assim fizeram, se ocupando dos aspectos profissionais. Logo, Camila⁴ relata que estudou Psicologia em uma instituição privada localizada na cidade de São Paulo e possui experiência como psicóloga clínica e acompanhante terapêutica (AT). Recentemente terminou um curso de pós-graduação e pretende realizar avaliações psicológicas em consultório particular.

A entrevistada afirmou que acompanhou a organização do seu movimento nas duas últimas eleições. Camila também contou que aceitou participar da pesquisa porque acredita que essa poderia contribuir para com a manutenção dos direitos conquistados no campo da Psicologia, enquanto ciência e profissão.

A outra psicóloga entrevistada foi nomeada na pesquisa como Natália. Esta cursou Psicologia em uma instituição privada situada na grande São Paulo, e possui experiência nos campos da docência, das políticas públicas e da Psicologia clínica.

Durante a graduação, Natália compôs o movimento estudantil e esteve presente em alguns eventos e manifestações organizados pelo CRP-SP. Posteriormente, se filiou a um dos

⁴ Respeitando o sigilo explicitado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na transcrição das entrevistas os nomes das entrevistadas e dos demais atores citados foram alterados. Sendo que informações que pudessem identificar as participantes ou os seus respectivos movimentos foram omitidas.

coletivos que disputaram a eleição do CRP-SP. Assim, tal como Camila, acompanhou a organização da sua chapa em mais de uma eleição.

4. APRESENTANDO OS RESULTADOS: das constelações à formação em psicologia

Retoma-se que estavam entre os objetivos deste trabalho investigar a atuação da psicóloga em tempos pandêmicos, e os possíveis projetos tanto para a profissão quanto para a formação da psicóloga⁵. Assim, neste capítulo são apresentadas as unidades de sentido e as constelações desocultadas a partir das entrevistas.

A análise das entrevistas apresentou duas constelações, “Compreensões de CRP” e “Atuações da psicóloga na pandemia”. Entende-se que estas constelações são complementares e tornam possível conhecer aspectos tanto do exercício profissional das psicólogas quanto da infraestrutura e organização da autarquia. A opção por flexionar ambas as constelações no plural é uma tentativa de realçar a pluralidade de concepções relatadas.

A constelação “Compreensões de CRP” diz sobre as discussões que estão intimamente atreladas a autarquia que representa a Psicologia enquanto campo de atuação e conhecimento. É constituída pelas seguintes unidades de sentido: “Sobre o CRP” - que reúne as percepções das entrevistadas sobre a autarquia; “A relação entre a categoria profissional e o CRP”; “A minha chapa” – que visita o entendimento das entrevistadas sobre as chapas; “Projetos para o CRP-SP” – que abarca os programas de administração apresentados; e, “A formação acadêmica da psicóloga” – que exprime as ponderações acerca da graduação da profissional.

A outra constelação revelada neste trabalho recebeu o nome de “As possibilidades da psicóloga na situação de pandemia”, que por sua vez, contém as matérias atreladas ao exercício profissional da psicóloga no contexto da pandemia de Covid-19. Esta foi composta pelas unidades de sentido “As atuações das psicólogas” – que correspondem às nuances do exercício profissional; “A atuação do CRP” – que nesta unidade é entendido como um coletivo composto por psicólogas; e, “A produção de saberes no enfrentamento a pandemia”.

A seguir, apresentaremos um recorte da organização das entrevistas em unidades de sentido e constelações. A fim de respeitar o sigilo ético em pesquisa, nenhum trecho teve a autoria identificada e a íntegra deste material está disponível no ANEXO 3.

⁵ Conforme mencionado anteriormente, este trabalho adotou a escrita engendrada, como sugere o Sistema Conselhos de Psicologia, contudo, nos trechos transcritos foram mantidas as falas originais das entrevistadas.

Quadro: Unidades de Sentido e Constelações

Trecho	Unidade de sentido	Constelação
<p>“[...] encontrei com essa turma “vamos montar chapa” e fui participando mais das reuniões como ouvinte, era um pessoal mais experiente e que estava acompanhando o que que estava acontecendo lá dentro. E era um pessoal muito experiente, no sentido político mesmo, [...], eu percebia que ali tinha uma vontade de luta assim, sabe? Nesse grupo! E foi isso que foi me encantando, eu acho. Por que eles faziam [...], eles têm uma história mais ativa dentro da psicologia.”</p> <p>“[...] vou entendendo que a gente foi produzindo novas conexões que não existiram em momentos anteriores, assim, muito por essa intenção de falar assim ‘vamos unir forças com as forças progressistas como um todo’ então, assim, houve um movimento de busca ativa mesmo, do diferente, do contraditório, acho que isso aconteceu de maneira explícita.”</p>	A minha chapa	Compressões de CRP
<p>“[...] quem já está formado e tal, eu acho que falta a união dos psicólogos, assim, ter espaços de discussão, espaços de discussão democrático, sabe? Onde consegue escutar o outro.”</p>	Relação entre categoria profissional e CRP Sobre o CRP	
<p>“[...]o Conselho é uma máquina pública imensa.”</p>	Sobre o CRP	
<p>“[...] seguir avançando, tentando produzir um Conselho mais modernizado, mais acolhedor, mais próximo da categoria, e também avançar aí nas formas de orientação e nas pautas de defesa de direitos.”</p>	Projetos para o CRP-SP	

<p>“[...] nunca na história do Conselho a gente teve tanta interatividade como durante a pandemia e foi uma coisa realmente, assim, de muita demanda e a gente vai tentando responder o mais rápido possível as dúvidas. Como falei para você, a diretoria foi muito acionada, por serviços públicos, pelo município, pelos planos de enfrentamento [...]”</p>	<p>Relação entre categoria profissional e CRP</p>	
<p>“[...] Tiveram muitas faculdades de psicologia, o CRP ficou saturado de psicólogo, não acompanhou essa evolução [...]. E formação nenhuma, assim. Participação, nenhuma, COREP não tem mais, ENEP não tem mais... Congresso, só vai quem vai apresentar trabalho, ou que tem algum envolvimento, em algum fórum, alguma coisa, o psicólogo que foi despejado no mercado, que veio das universidades particulares, nem tá sabendo o que é congresso de psicologia, nunca foi num congresso de psicologia, não sabe. ((Risos)). Não tem noção do que é um congresso, o que ele vai fazer num congresso, acabou de se formar e tá desempregado.”</p>	<p>Formação acadêmica da psicóloga</p>	
<p>“[...] nas restrições parei de atender, depois atendi on-line, com o meu psicólogo eu estou fazendo on-line, estou achando ruim, não acho que é o melhor a se fazer, não consigo, e é isso. Aí eu fui eu fiz terminei uma pós e agora vou começar a trabalhar com outra coisa, é isso que eu estou falando, tipo vamos nos reinventar, fazer pós, estudar, se formar, fazer outras coisas. [...] Eu trabalhei [em outras áreas da psicologia]. Então, eu falei, “ah vou mudar um pouco” e aí terminei a pós [...]”</p>	<p>Atuação da psicóloga em situação de pandemia</p>	<p>As possibilidades da psicóloga na situação de pandemia</p>
<p>“[...] nós escrevermos, provocamos o governo do estado para que introduzisse a discussão</p>	<p>Atuação do CRP em situação de pandemia</p>	

<p>sobre saúde mental, acesso a direitos e a educação, como estratégicos para o enfrentamento da pandemia, então, nossa compreensão é uma compreensão um pouco mais integrativa, de que os saberes psicológicos e a atuação das psicólogas no âmbito das políticas públicas poderia ir de alguma forma ofertar melhores condições de vida para a população na mitigação de riscos e na mitigação de problemas decorrentes da própria pandemia. Do ponto de vista das questões relacionadas a saúde mental, eu acho que a gente discutiu muito o que significa acolhimento em saúde mental em situação de crise, de emergências e desastres, entendendo que não é uma psicoterapia clássica e tentando produzir essa discussão com as psicólogas.”</p>	<p>Atuação da psicóloga em situação de pandemia</p> <p>A produção de saberes no enfrentamento a pandemia</p>	
<p>“[...] voltando a falar dos testes, falta um pouco dentro da formação a gente se olhar mais, se valorizar mais, ter valor também, né? Porque você vai numa faculdade, que nem eu fui assistir aula na universidade, uma vez, de psicologia, e o professor não dava nada, só dava trabalho em grupo. O professor de psicologia! A pessoa fica desinteressada, como que ela vai achar que tem valor se ela não aprendeu nada na faculdade, de fato?”</p>	<p>A formação acadêmica da psicóloga</p>	

Inicia-se este tópico recuperando Hermann, que explicou que “[...] o homem não vive em um estado contemplativo, mas abre horizontes, sendo responsável no desvelamento do ser e da verdade” (HERMANN, 2003, p. 26). Assim, entende-se que as constelações e as unidades de sentido reveladas durante a análise, que permitiram conhecer as percepções das psicólogas entrevistadas, também podem fornecer perspectivas para a formação em Psicologia.

Antes de aprofundar as possibilidades, contextualiza-se o horizonte em que a análise deste trabalho aconteceu, os meses de setembro e outubro de 2021. Nesta época, o país contava com o quarto ministro da saúde diferente na situação de pandemia. Na população, haviam sido registradas mais de 21 milhões de contaminações por Covid-19, com mais de 600 mil mortes confirmadas, e cerca de 55% da população brasileira totalmente imunizada através de vacinas. Simultaneamente, a Comissão Parlamentar de Investigação da Covid havia aprovado um relatório sugerindo o indiciamento de parlamentares e civis pela atuação na pandemia. Entre os indiciados estava o presidente da república, sendo este apontado como responsável por nove crimes, tais como, propagação da epidemia, prevaricação, charlatanismo, crime contra a humanidade e de emprego irregular da verba pública (G1, 2021). Neste cenário, foi ponderado como a Psicologia poderia ter contribuído para com uma realidade diferente.

Retomando as constelações, a “Compressões sobre o CRP-SP”, ocupa-se das percepções e reflexões acerca da autarquia, e neste momento, visitamos a unidade de sentido “a minha chapa”. Nesta, as entrevistadas explicaram a inserção nos seus respectivos movimentos e apresentaram a maneira como estes são percebidos. Ambas as psicólogas também discorreram acerca das configurações dos seus coletivos nos últimos anos, e manifestaram entendimento acerca do processo eleitoral do CRP-SP.

Entre os motivos mencionados para participar de uma chapa, estão a insatisfação para com um determinado modelo de gestão de CRP e o desejo de contribuir com uma administração diferente; a possibilidade de se relacionar com a categoria e dialogar com profissionais mais experientes; e também, a percepção de que participar da gestão pode colaborar para com o desenvolvimento profissional.

Encontrei com essa turma “vamos montar chapa” e fui participando mais das reuniões como ouvinte, era um pessoal mais experiente e que estava acompanhando o que que estava acontecendo lá dentro. E era um pessoal muito experiente, no sentido político mesmo, [...], eu percebia que ali tinha uma vontade de luta assim, sabe? Nesse grupo! E foi isso que foi me encantando, eu acho. Por que eles faziam [...], eles têm uma história mais ativa dentro da psicologia.

Não quero guerrear com psicólogos, eu quero construir minha profissão, sabe? Quero construir coisas que a gente seja valorizada mesmo, coisa que a gente seja visto do como independente de divisão político-partidária

Neste instante, as reflexões apresentadas pelas entrevistadas sobre o posicionamento política da profissional dialogam com a compreensão apresentada por Pereira (2013), que ao refletir sobre a obra de Martin Baró, ponderou a necessidade das psicólogas “[...] situarem-se

no marco da confrontação política posta em sua realidade social, assumindo uma posição pessoal frente a eles. Na prática isso representa envolvimento político” (p. 180).

Quanto à composição das chapas, a representatividade ancorada nas condições identitárias, como gênero e etnia, e a pluralidade de saberes epistemológicos e campos de atuação ocupados pelas membras dos coletivos, foi apontada como um aspecto significativo para a constituição dos movimentos.

A gente saiu com um terço de pessoas negras na chapa, uma mulher trans, pessoas de outras abordagens que historicamente estavam mais distantes da profissão, assim, dessa organização com representantes da análise do comportamento, com representantes da Gestalt, da psicanálise, como áreas centrais. Então, vou entendendo que a gente foi produzindo novas conexões que não existiram em momentos anteriores [...].

Nas entrevistas, também foi compartilhado que o pesquisador poderia se beneficiar se dialogasse com mais psicólogas de cada movimento, e também, com outras instituições que se encarregaram de pensar a psicologia enquanto campo profissional e de saber.

Vou tentar colocar a minha reflexão aqui, é uma percepção minha, acho que vale a pena super a pena você conversar com outras pessoas que compuseram a chapa, que era uma chapa bem diversificada.

Construir uma gestão dessa forma, é realmente um coletivo ultra comprometido nessa construção, aí, até eu te falar se você quiser, não sei se quer se aproximar da ABEPsi, [...], posso te apresentar e vocês conversam um pouco, que é sempre legal ter gente junto.

A reflexão sobre a composição das chapas percorreu o contexto sócio-político-econômico brasileiro, e apontou que a representação institucional do CRP-SP poderia contribuir para pleitear melhores condições de formação e trabalho para a categoria, questionar e enfrentar as ações governamentais que têm promovido o desmonte da política de direitos humanos, e também, colaborar para com o bem estar social.

Ainda sobre a pluralidade de perspectivas presentes nos relatos, retoma-se que Critelli, que ao discorrer sobre a obra de Heidegger, explicou que “[...] ser no mundo é as múltiplas maneiras que o homem vive e pode viver, os vários modos como ele se relacionam e atuam com os entes que encontra e a ele se apresentam” (CRITELLI, 1996, p. 21).

Sobre as unidades de sentido “sobre o CRP” e “a relação entre categoria profissional e o CRP”, acredita-se que são próximas, posto que ponderam sobre vínculo entre profissional e autarquia. Nestas unidades, o CRP-SP foi descrito de inúmeras maneiras, percorrendo os aspectos institucionais-estruturais e a maneira como o mesmo tem conduzido.

Houve o entendimento de que o “Conselho é uma máquina pública imensa”, com uma estrutura que abarca sedes, funcionários e recursos, fomentando discussões que enfatizam o caráter institucional da autarquia e ultrapassam as preocupações com a psicologia. Exemplos destes questionamentos estão nas falas: “[O CRP-SP] tá querendo comprar mais sede, abrir mais sede [...] meu, pra que tanta sede se não tem ninguém lá dentro?” e “Muita grana. É muito dinheiro que rola [na autarquia], né?”.

Comumente também foi descrito que o CRP-SP não é acolhedor e está distante da categoria profissional, que eventualmente não se sente representada e enfrenta dificuldades para se relacionar com a instituição e se apropriar da mesma, “[...] a gente tem uma história dum Conselho que ele surge como uma delegacia, em que a lógica repressiva punitiva é bastante caracterizada, muitas pessoas com medo do diálogo com o conselho, com medo de compartilhar suas práticas profissionais [...]”.

Em outra perspectiva, apesar do distanciamento, o CRP-SP é reconhecido como um espaço para se buscar referências para a atuação profissional, seja materialmente ou dialogicamente, através da comissão de orientação e fiscalização. Fenômeno que se intensificou durante a situação de pandemia, quando foi registrado um aumento na procura pela autarquia, tanto de profissionais quanto da sociedade. Condição que permite relembrar a função do CRP enquanto instituição que orienta o agir em psicologia.

A autarquia também foi narrada como omissa ao lidar com algumas questões relacionadas ao cotidiano profissional, como condições de trabalho e honorários. Aqui, foi relatado que a precariedade das condições de trabalho e remuneração ofertada por alguns equipamentos são um obstáculo à subsistência da profissional de psicologia. Neste momento, recupera-se uma explicação do CRP-PE, sobre as atribuições dos Sistema Conselhos e dos Sindicatos:

Não devemos confundir o papel dos Conselhos Profissionais com as atribuições previstas em Lei dos Sindicatos.

Segundo a CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas), cabe aos sindicatos representar perante autoridades administrativas ou judiciárias os interesses gerais da respectiva categoria ou profissão liberal ou interesses individuais dos associados relativos à atividade ou profissão exercida. É, portanto, o sindicato que vai promover a luta pela melhoria dos salários, carga horária e por todo e quaisquer direitos inerentes ao trabalhador.

É importante deixar claro que os Conselhos de Psicologia não se eximem da tarefa de lutar por melhores condições de trabalho ou quaisquer outros benefícios e interesses da categoria, como já vêm fazendo participando da luta pela aprovação do PL das 30h, o PL pela inclusão dos psicólogos nas escolas públicas, PL referente ao estabelecimento

do piso salarial e tantos outros Projetos de Lei que vêm sendo acompanhados pelos regionais e são relevantes para a profissão. Também realizamos acompanhamentos dos editais de concursos visando garantir a categoria condições adequadas de trabalho. É importante ressaltar ainda a participação dos conselhos na realização de atividades que têm por objetivo a qualificação profissional e o desenvolvimento da Psicologia enquanto ciência e profissão. As ações realizadas pelo regional buscam sempre promover autonomia e valorização do psicólogo, pois tudo isso irá refletir no melhor desempenho do seu trabalho e no exercício ético da profissão (CRP-PE, 2021).

Como descrito, o Sistema Conselhos pode apoiar a reivindicação por melhorias nas condições profissionais, mas não possui essa atribuição. Assim, entende-se que para além da relação apartada, a não compreensão das funções e/ou concordância com algumas ações da autarquia, rotineiramente suscitam a sensação de desamparo na categoria, que tendem a compreender o CRP-SP como uma agência fiscalizadora cujo retorno ofertado é insatisfatório.

Neste cenário, é entendido que talvez o CRP, que outrora favoreceu a formação e a convivência das profissionais - como nas vivências das entrevistadas, que tiveram contato com o CRP durante as suas respectivas graduações -, está esvaziado de sentido, o que colaboraria para que a categoria não se interessasse pela organização política da autarquia, ocupando-se da sua atuação profissional de maneira individualizada.

[...] Frequentar o CRP, ter esse métier de psis, fazia diferença naquela época. E aí, eu fui percebendo que o CRP foi esvaziando, né? Esvaziando e enchendo. (...) Parece que o CRP fechou assim. Não tinham as chamadas. Eu achei meio estranho, porque a gente não ouvia mais “ah, vai ter uma plenária” e “vamos falar sobre direitos LGBT’s”, “direito do negro”. Naquela época tinha, eu fui pra ver “Teoria dos Campos” eu fui assistir lá, um monte de palestrante que eu acabei conhecendo, que ia lá e ia falar sobre determinado assunto e isso, acabou.

Partindo das compreensões sobre o CRP-SP e de sua relação com a categoria, apresentamos outra unidade de sentido, a “projetos para o CRP-SP”. Nesta, foram percorridas as possibilidades de gestão e atuação apresentadas para a instituição. Entende-se que a autarquia foi descrita como algo passível de ser aperfeiçoado e com potencialidades a serem desenvolvidas, dentro da atual realidade brasileira. Processo de transformação que teria sido iniciado na busca pela ampliação da representatividade das psicólogas durante a composição das chapas.

Tornar a autarquia mais acolhedora, democrática, defensora de direitos e colaborativa com a capacitação da categoria foram os principais objetivos reiterados. Posto que o distanciamento entre categoria e autarquia talvez seja o maior desafio para quem administra o CRP-SP.

Aumentar a participação e aumentar a capacitação. A formação do psicólogo, investir nesses dois, acho que essas duas frentes seriam super importantes, assim, tanto capacitar, no sentido de informes, o CRP tem um material muito rico, né? Eu adoro,

eu adoro ir lá, eu vou lá tem um funcionário que trabalha lá, que é do almoxarifado, e eu falo, “ah, tem uma revista assim assim assim”, ele, e tem tudo lá dentro, todas as revistas, tem um arquivo enorme lá dentro, só que é fechado, fica lá, né? Tomando pó. E eu acho que isso tinha que ser discutido, tinha que ser aberto. Pô, tem não sei quantos psicólogos, porquê que não chama psicólogos para ir lá da palestra? Por que que não chama pessoal que tá se formando, que está fazendo mestrado, que tá fazendo doutorado para ir lá falar sobre seu tema? Vamos fazer o tipo, antigamente tinha o cine, cine debate no CRP, e você vê, eu era bem ativa, (Risos).

Ao ser descrita como um potencial espaço formativo, percebe-se que a autarquia eventualmente é apreendida como uma instituição que poderia ofertar uma espécie de aperfeiçoamento profissional, preenchendo lacunas da formação acadêmica e colaborando com a discussão e exposição de novos saberes. Este papel superaria a atribuição de orientação acerca do exercício profissional, que costuma ser feita através da publicação de resoluções e referências técnicas, da realização de oficinas e palestras, e propõe que a autarquia ofereça uma espécie de formação complementar. Neste contexto, também foi sugerido que o CRP-SP precisaria dispor-se ao diálogo para novas práticas em psicologia. Uma ação que poderia incluir diferentes realidades profissionais e mitigar a atual sensação de desamparo perante o Conselho. A seguir, a manifestação destas reflexões:

O CRP tem materiais ótimos, excelentes, mas, que [...], o psicólogo não sabe, entendeu? [...]. Eu acho que falta alguma coisa, acho que falta alguma coisa no sentido de quando que eu, quando que o psicólogo tem vínculo com o CRP, sabe? Quando o psicólogo tem vínculo com as informações que o CRP produz? Para onde que vão essas informações, sabe? Parece que fica lá, guardado no arquivo, não chega no psicólogo essa informação.

Ainda sobre formação e capacitação, também foi sugerido que a autarquia empregasse tecnologia para capacitar as profissionais de psicologia. E, frente ao consenso de que o conselho precisa tornar-se mais acolhedor e se aproximar da categoria e da sociedade, foram elencadas algumas possíveis ações, como a utilização de aplicativos de troca de mensagens, para tentar facilitar a comunicação com a categoria, e também, investimento em marketing para publicizar as nuances da atuação da psicóloga para a sociedade.

Sobre a graduação em psicologia, acredita-se que o CRP-SP não soube lidar com o crescimento da quantidade de cursos.

Tiveram muitas faculdades de psicologia, o CRP ficou saturado de psicólogo, não acompanhou essa evolução [...]. E formação nenhuma, assim. Participação, nenhuma, COREP⁶ não tem mais, ENEP⁷ não tem mais... Congresso, só vai quem vai apresentar trabalho, ou que tem algum envolvimento, em algum fórum, alguma coisa, o psicólogo

⁶ Congresso Regional da Psicologia

⁷ Encontro Nacional de Estudantes de Psicologia

que foi despejado no mercado, que veio das universidades particulares, nem tá sabendo o que é congresso de psicologia, nunca foi num congresso de psicologia, não sabe. (Risos). Não tem noção do que é um congresso, o que ele vai fazer num congresso, acabou de se formar e tá desempregado.

Macedo e Dimenstein (2011), explicaram que este crescimento na quantidade de cursos de graduação acompanhou a expansão e interiorização da psicologia no país. Este fenômeno se manifestou na instalação de instituições de ensino superior nas diversas regiões do país e na ampliação de psicólogas atuando no campo do bem-estar social (MACEDO; DIMENSTEIN, 2011).

Ainda sobre o crescimento relatado, foi revelada a preocupação com a qualidade de alguns cursos de graduação que atualmente são ofertados, estes negligenciariam a formação acadêmica e prejudicariam a constituição de uma identidade profissional responsável ética e tecnicamente, sendo também, um obstáculo à elaboração de um projeto profissional das egressas de psicologia.

Porque você vai numa faculdade, que nem eu fui assistir aula na universidade, uma vez, de psicologia, e o professor não dava nada, só dava trabalho em grupo. O professor de psicologia. A pessoa fica desinteressada, como que ela vai achar que tem valor se ela não aprendeu nada na faculdade, de fato?

Compreensão semelhante foi apresentada por Ramos, que ao refletir sobre a atual formação em psicologia abordou como esta tem desprezado o ensino de história e filosofia, disciplinas que habitualmente colaboram para o desenvolvimento de uma postura crítica e priorizado “[...] a formalização esvaziada das competências e habilidades e de um ensino de massa pasteurizado” (RAMOS, 2012, p. 192), dificultando o questionamento dos contextos em que ocorrem a atuação profissional e colaborando com a manutenção da atual realidade.

Outra autora que concebeu a necessidade de uma formação crítica e comprometida com a realidade é Soares (2011), esta concebeu:

[...] que as chamadas leis de mercado não devem impor ao estudando uma formação com ênfase nos aspectos técnicos em detrimento de uma proposta que o leve a refletir sobre sua condição de sujeito sócio-histórico, dotado de histórias pessoais, de afetos e de sonhos. (p. 88).

A segunda constelação revelada neste trabalho, “As possibilidades da psicóloga na situação de pandemia”, aprofundou a temática que serviu como pergunta de pesquisa; o exercício profissional durante a pandemia Covid-19. Assim, esta constelação é composta pelas unidades de sentido “as atuações das psicólogas”, “a atuação do CRP”, e “a produção de saberes no enfrentamento à pandemia”.

Registra-se que tal como na unidade de sentido “acerca do CRP”, trabalhada na constelação anterior, as percepções sobre os posicionamentos da autarquia foram múltiplas, sendo em alguns momentos complementares, e, em outros, opostas. Posto isto, as reflexões enfatizaram o entendimento de que o contexto da pandemia é um fenômeno novo e o seu enfrentamento tem sido algo árduo, cujas ações demandaram reorganização tanto da categoria quanto da autarquia. Sobre uma experiência particular:

Ó Fábio, vou te falar da minha experiência no começo do ano passado e como que se que se deu, eu tive que me reinventar, né? Eu acho que isso faz parte [...] Mas assim, é uma é uma, isso é uma coisa individual, é subjetivo você não vai encontrar isso, essa reinvenção em vários psicólogos, né? Alguns colegas eu sei que se deram muito mal assim na pandemia, questão de consultório, eu alugo alugava uma sala e a menina que alugava a casa ficou desesperada porque ela estava alugando duas casas com salas, né? Para atendimento avulso o período e os psicólogos pararam do dia para noite, as sublocações de sala clínica.

Nesta perspectiva, aspectos pessoais foram visitados e o sofrimento das profissionais diante deste contexto também foi trazido à tona.

[...] as pessoas também foram fenecendo, em condições de trabalho sucateados, as pessoas também foram ficando adoecidas, foram ficando cansadas, bom, então, assim, muito difícil construir dessa forma.

Foi compartilhado que o processo de reorganização administrativa-organizacional do CRP-SP estendeu-se por cerca de um ano, posto que a autarquia buscou diálogo com especialistas no campo da psicologia em emergência e desastres, e elaborou as suas ações a partir de alguns eixos; como a reestruturação da instituição; a orientação da categoria; a atuação em emergências e desastres; a defesa de direitos; e, a orientação da sociedade.

Enquanto o CRP-SP se organizava, a categoria profissional e algumas instituições buscavam auxílio junto ao mesmo para lidarem com a pandemia. Contudo, houve o entendimento de que talvez as ações tomadas pela autarquia tenham sido insuficientes, como na implementação do atendimento remoto, que teria dificultado a comunicação junto à autarquia e mantendo dúvidas acerca das condições necessárias para a prestação de serviços pela categoria no atual contexto⁸.

Foi concebido que uma atuação coletiva seria a estratégia mais adequada para o momento, deste modo, políticas públicas integrando os campos da saúde, educação, assistência social e trabalho poderiam mitigar as consequências da Covid-19 e oferecer melhores condições

⁸ Em 26 de março de 2020, o Conselho Federal de Psicologia publicou a resolução número 4, que regulamentou a prestação de serviços psicológicos por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação durante a pandemia do COVID-19.

de vida para a população. E, considerando a ausência de uma política nacional de enfrentamento à pandemia, o CRP-SP questionou e apresentou possibilidades para as diferentes esferas governamentais.

[...] nós escrevemos, provocamos o governo do estado para que introduzisse a discussão sobre saúde mental, acesso a direitos e a educação, como estratégicos para o enfrentamento da pandemia.

[...] nesse sentido a gente tentou provocar muito também tanto o governo do estado quanto o governo federal, para um plano de imunização adequado que priorizasse as populações adequadas.

A postura descrita dialoga com “[...] a perspectiva de compromisso social na psicologia”, (SANTOS, 2013, p. 47), um posicionamento que se ocupa da atuação da psicóloga no campo das políticas públicas, com a finalidade de promover direitos humanos, combater a desigualdade social e a transformar a realidade.

O atendimento em psicoterapia clínica (e *on-line*) também foi descrito como uma alternativa para o exercício profissional em situação de pandemia, entretanto, o seu empenho exige ponderações para que o sofrimento oriundo do atual contexto não seja individualizado e patologizado. Em outra seara, as profissionais também poderiam colaborar em ações educativas e de promoção à saúde.

A gente viu que os dados mostram processos de adoecimento ao longo da pandemia, né? E para nós, desde o primeiro momento a gente fez uma live sobre os danos psicológicos da Covid, entendendo que os danos são o emprego, são a insegurança, são a ausência de rede de apoio, tem um conjunto, bastante material, que vai produzindo sofrimento. Não é exclusivamente a minha experiência, né? Tem uma relação com uma totalidade social que não dá para ser negada. E ao ser negada, a gente patologiza extremamente as expressões humanas e que é isso, está difícil para todo mundo, a gente está cansado. [...] E acho que vai nos mostrando essa correlação entre o que é um sofrimento psíquico com as nossas condições sociais.

As entrevistas também revelaram que a produção de saberes e o diálogo entre os pares foram caracterizados como fundamentais para o exercício profissional em novos contextos, como as situações de crises. Esta perspectiva dialoga com o que foi concebido por Cabral et al. (2019, p. 11) “[...] recriar práticas cotidianas em respostas a novas demandas e necessidades sociais. (...) [ensejando] atitudes e modos de fazer que, longe de serem neutros, representam compromissos existenciais, éticos e políticos na construção do conhecimento”.

Exemplos de saberes construídos a partir desta perspectiva são algumas produções do Sistema Conselhos de Psicologia e do CREPOP, como as referências técnicas para a atuação nos contextos da situação de rua, discutindo questões étnico-raciais, e apresentando a psicologia do esporte, além dos cadernos temáticos que já tematizaram a laicidade do estado, a segurança

pública e a atuação em situações de emergência e desastres, entre outras. Pontua-se que habitualmente ocorre a Mostra de Práticas Inovadoras em Psicologia e Mostra Virtual de Práticas da Psicologia.

Ainda no que diz respeito a produção de conhecimento que pensem a pandemia, em alguns momentos esta pesquisa foi mencionada como uma possibilidade de reflexão, “espero que a gente possa ver os resultados, se você tiver sugestões inclusive da organização, de outras formas, estou à disposição, e também, “adorei seu tema, foi muito bem escolhido, acho que a gente tem que mexer nisso, né? Fico muito agradecida de você ter me procurado e de ter contribuído na sua pesquisa”.

Como um todo, as constelações revelaram que a autarquia é percebida de maneira ambivalente pela categoria, sendo almejada uma aproximação entre ambas. Espera-se que a graduação ofereça condições para que a psicóloga em formação conceba uma identidade profissional crítica, sendo capaz de garantir a sua subsistência, e atuar com responsabilidade ética e técnica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Onde queres o sim e o não, talvez
E onde vês, eu não vislumbro razão”
(Caetano Veloso)

O trecho de “O queres”, de Caetano Veloso, foi escolhido por dialogar com algumas reflexões presentes neste trabalho. “Onde queres o sim e o não, talvez”, remete as percepções e possibilidades elencadas pelas entrevistadas, como a multiplicidade de propostas de gestão para o CRP-SP, de projetos profissionais e de perspectivas para a formação. Acerca de “e onde vês, eu não vislumbro razão”, recupera-se que a fenomenologia-hermenêutica, o método adotado neste trabalho, compõe um modo de pesquisar não-hegemônico, rejeitando o anseio positivista de estabelecer paradigmas universais ou definições inexoráveis, e se interessando por conhecer a verdade do que é vivido e como é vivido.

A partir das verdades desocultadas na pesquisa, resgata-se o anseio de que a atuação da psicóloga ofereça amparo e assistência à sociedade, além de avaliar e colaborar em políticas públicas. Contudo, as condições de trabalho e a subsistência da psicóloga também foram apresentadas como demandas a serem cuidadas e que transcendem o contexto da pandemia.

Quanto ao CRP-SP, compreendeu-se que uma aproximação entre categoria e autarquia, e uma maior apropriação da instituição pela categoria poderia colaborar para que novos sentidos fossem atribuídos, e a instituição - que representa a psicologia em diversos aspectos - fortalecida. Entretanto, como promover a aproximação e a apropriação são outros questionamentos que empenham reflexões para além deste trabalho.

Enquanto no campo da psicologia as discussões remeteram ao “compromisso social da profissão”, numa perspectiva educacional recobra-se o que Paulo Freire (1996) refletiu sobre “ética universal”. Este autor propôs que a prática educativa colaborasse com o desenvolvimento de uma ética universal que permeasse as relações e questionasse a ideologia fatalista do neoliberalismo, fundada na exploração, na perversão e na discriminação. Uma ética que permitisse ao sujeito se reconhecer como alguém presente no mundo, uma presença

[...] que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara avalia, valora, que decide, que rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade. (FREIRE, 1996, p. 20).

Acerca da formação em psicologia, recobra-se que recentemente esta foi debatida e no ano de 2019 foi aprovada⁹ a Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) dos Cursos de Graduação em Psicologia, que neste momento aguardam a homologação do Ministério da Educação. Contudo, ciente dos valores que foram anunciados como fundamentais para o exercício profissional, demanda-se que os cursos de graduação habilitem profissionais cuja prática esteja embasada em um pensamento crítico. Perspectiva que convida a ponderar sobre a formação e a licenciatura em psicologia. Assim, questiona-se sobre como cuidar para que as instituições de ensino superior ofereçam uma formação de qualidade que colabore com o amadurecimento ético-técnico e possibilitem uma reflexão política?

Registra-se que as indagações e os resultados desta pesquisa serão apresentados para as entrevistadas no início do próximo ano, após a defesa pública deste estudo. Por hora, neste trabalho, que foi atravessado pela situação de pandemia e finalizado antes que a mesma fosse declarada encerrada, entendeu-se que as violentas consequências da Covid-19 não foram apenas uma oportunidade para pensar a formação em psicologia, mas, uma atual necessidade. Assim,

⁹ A Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) dos Cursos de Graduação em Psicologia e as normas para o Projeto Pedagógico Complementar (PPC) para a Formação de Professores de Psicologia foram aprovados no Conselho Nacional de Educação e na Câmara de Educação Superior sob o parecer 1071/2019.

entende-se que novos estudos que abordem as atuações da psicóloga em situações de crise são fundamentais, posto que alguns questionamentos permanecem, evidenciando demandas da formação e da atuação no cotidiano.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE PSICOLOGIA (ABEP). **Repensando a formação da(o) psicóloga(o):** revisão das diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em psicologia. Disponível em < http://www.abepsi.org.br/wp-content/uploads/2017/12/Texto_disparador__revisao_DCN_FINAL_com_logos.pdf > Acesso em 7 de abril de 2021.
- BARRETO, C. L. B. T.; PRADO, R. A. de A.; LEITE, D. de F. da C. C. de S. Hermenêutica filosófica de Gadamer e Pesquisa em Psicologia. In: CABRAL, B. E. B. et al. (Orgs.). **Práticas em Pesquisa e Pesquisa como Prática: Experimentações em Psicologia.** Curitiba: CRV, 2019, p. 49-66.
- BRASIL. Lei 4.119/63 - **Dispõe sobre os cursos de formação em Psicologia e regulamenta a profissão de Psicólogo.** Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4119 > .htm. Acesso em 24 de setembro de 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior** - Cadastro e-MEC. Disponível em < <https://emec.mec.gov.br>>. Acesso em 12 de dezembro de 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Fies.** Disponível em < <http://sisfiesportal.mec.gov.br/>>. Acesso em 12 de dezembro de 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lula sanciona ProUni e garante bolsas a carentes.** Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/setec-secretaria-de-educacao-profissional-e-tecnologica/40-perguntas-frequentes-911936531/prouni-1484253965/3428-sp-1370539025> >. Acesso em 12 de dezembro de 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Prouni.** Disponível em < <http://prouniportal.mec.gov.br/>>. Acesso em 12 de dezembro de 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) dos Cursos de Graduação em Psicologia e estabelecimento de normas para o Projeto Pedagógico Complementar (PPC) para a Formação de Professores de Psicologia (CNE/CES nº 1071/2019).** Disponível em < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=139201-pces1071-19&category_slug=dezembro-2019-pdf&Itemid=30192 >. Acesso em 7 de abril de 2021.
- CABRAL, B. E. B. *et al.* (Apresentação) Construção de conhecimento na relação com alteridades: ética e política em pesquisas qualitativas. In: CABRAL, B. E. B. et al. (Orgs.). **Práticas em Pesquisa e Pesquisa como Prática: Experimentações em Psicologia.** Curitiba: CRV, 2019.
- CAETANO, V. O Quereres. In.: **Velô.** Philips, 1984.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Quem somos.** Disponível em <<http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>>. Acesso em 14 de dezembro de 2020.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). Resolução nº 4: **Dispõe sobre regulamentação de serviços psicológicos prestados por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação durante a pandemia do COVID-19.** Disponível em: < <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-4-2020-dispoe-sobre->

regulamentacao-de-servicos-psicologicos-prestados-por-meio-de-tecnologia-da-informacao-e-da-comunicacao-durante-a-pandemia-do-covid-19?origin=instituicao >. Acesso em 20 de outubro de 2021.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE PERNAMBUCO (CRP-PE). **Você Sabia? – Sobre a função do Conselho.** Disponível em: <<https://transparencia.cfp.org.br/crp02/legislacao/voce-sabia-sobre-a-funcao-do-conselho/>>, Acesso em: 20 de outubro de 2021.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO (CRP-SP). Protagonismo feminino. **Jornal Psi.** São Paulo, 2013. Disponível em <http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/jornal_crp/175/frames/fr_panorama.aspx>. Acesso em: 1 de dezembro de 2020.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO (CRP-SP). **Escrita gendrada: somos todas Psicólogas?.** São Paulo, 2013. Disponível em <http://www.crpsp.org.br/portal/midia/fiquedeolho_ver.aspx?id=851>. Acesso em: 1 de dezembro de 2020.

CRITELLI, D. M. **Análítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica.** São Paulo: EDUC: Editora Brasiliense, 1996.

DARTIGUES, A. **O que é a fenomenologia?** São Paulo: Centauro: 2008.

ENTENDA OS 9 crimes que a CPI da Covid atribui a Jair Bolsonaro. G1. 20/10/2021. Disponível em <<https://g1.globo.com/politica/cpi-da-covid/noticia/2021/10/20/entenda-os-crimes-que-a-cpi-da-covid-atribui-a-jair-bolsonaro.ghtml>>. Acesso em 27 de outubro de 2021.

DEAD FISH. Tão Iguais. In.: **Zero e Um.** Deckdisc, Rio de Janeiro, 2012.

DIVERSA: EM DEFESA DA PSICOLOGIA E DOS DIREITOS HUMANOS. **Encarte.** Disponível em: <<https://crpsp.org/pagina/view/169>>. Acesso em 17 de setembro de 2021.

DIVERSA: EM DEFESA DA PSICOLOGIA E DOS DIREITOS HUMANOS. **Propostas.** Disponível em: <<https://crpsp.org/pagina/view/169>>. Acesso em 17 de setembro 2021.

DUTRA, E. Formação do psicólogo clínico na perspectiva fenomenológico-existencial: dilemas e desafios em tempos de técnicas. **Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies – XIX (2): 205-211, jul-dez, 2013**

GADAMER, H. G. **Verdade e Método.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

GLEISER, M. Um pouco sobre o céu. **Folha de São Paulo**, 9 de novembro de 2003 (Caderno Mais). Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe0911200302.htm>>. Acesso em 10 de setembro de 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FLICKINGER, H-G. **Gadamer & a educação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo.** Tradução de Fausto Castilho. Capinas/ Petrópolis: Unicamp/Vozes, 1927/2009.

HERMANN, N. [O que você precisa saber sobre...] **Hermenêutica e Educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

- INSTITUTO QUADRIX. **Institucional**. Disponível em <
<http://www.quadrix.org.br/institucional.aspx> >. Acesso em 10 de outubro de 2021.
- MACEDO, J. P.; DIMESTEIN, M. Expansão e interiorização da psicologia: reorganização dos Saberes e Poderes na Atualidade. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. 2, p. 296-313. 2011.
- MASINI, E. F.; SALZANO. Algumas noções sobre a fenomenologia para o pesquisador em Educação. **Revista Faculdade de Educação**. São Paulo, 1993.
- MULLER-GRANZOTTO, M. J.; MULLER-GRANZOTTO, R. L. FENOMENOLOGIA. In: **Dicionário de Gestalt-terapia**: “gestaltês. D’ACRI, G.; LIMA, P.; ORGLER, S. São Paulo: Summus, 2012.
- PEREIRA, T. S. **Projeto ético-político da Psicologia da Libertação**: perspectiva histórica. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p. 222, 2013.
- PORTA, M. A. G. **A filosofia a partir de seus problemas**. São Paulo: Editora Loyola, 2002.
- RAMOS, C. Tirando a venda dos espertos: reflexões sobre a formação de psicólogos em tempos de cinismo. In: PATTO, M. H. S. (Org). **Formação de psicólogo e relações de poder**: sobre a miséria da psicologia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.
- REHFELD, A. Fenomenologia e Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, L. M; FUKUMITSU, K. O. (Orgs) **Gestalt-terapia**: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas.. São Paulo: Summus Editorial, 2013.
- RENOVAÇÃO - ACORDA PSICOLOGIA. **Encarte**. Disponível em:
 <<https://crpsp.org/pagina/view/169> >. Acesso em 17 de setembro de 2021.
- RENOVAÇÃO - ACORDA PSICOLOGIA. **Propostas**. Disponível em:
 <<https://crpsp.org/pagina/view/169> >. Acesso em 17 de setembro de 2021.
- RILKE, R. M. **Cartas a um poeta**. Lisboa: Portugália Editora, 19XX.
- SANTOS, L. N. **O encontro das psicólogas com o “social” no CRAS/SUAS**: entre o suposto da igualdade e a concretude da desigualdade. 2013. 186f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia. Universidade Federal da Bahia, Salvador, p. 186, 2013.
- SOARES, A. R. A Psicologia no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**. 30 (Núm. Especial), 2010. P. 8-41
- SOARES, L. L. M. Ética e dialogicidade na formação do psicólogo. **Psicologia: Ensino & Formação**. Vol. 2. 2011 p. 77-93.
- SZYMANSKI, H (Org.). **A Entrevista na pesquisa em educação**: a prática reflexiva. Campinas, SP: Editores Associados, 2018.
- SZYMANSKI, H. A Prática reflexiva em pesquisas com famílias de baixa renda. **Anais do II Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos**. Bauru, 2004.
- SZYMANSKI, L.; SZYMANSKI, H.; FACHIM, F. L. Interpretação como des-ocultamento: contribuições do pensamento hermenêutico e fenomenológico-existencial para análise de dados em pesquisa qualitativa. **Pro-Posições**, Campinas, v. 30, 2019. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext & pid=S0103-3072019000100536](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-3072019000100536) \ lng=en \ nrm=iso>. Acesso em 15 de junho 2021.

ANEXOS

ANEXO 1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

São Paulo, _____.

Cara participante,

Eu, Fábio Batista de Sousa, CPF 364564378-81, RG 42361225-6, principal responsável pelo projeto de mestrado “As Muitas Psicologias: Reflexões Sobre Os Diferentes Projetos Éticos-Políticos Da Profissão Para Pensar A Formação, orientado pela Prof.^a Dr.^a Luciana Szymanski Ribeiro Gomes no programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, através deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, convido a Sra _____, RG _____, a participar do referido projeto, atendendo o disposto na Resolução CNS 466/2012.

Este projeto de pesquisa tem como objetivo compreender como as chapas que concorreram a administração do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo nas eleições de 2019 vislumbram a atuação da psicóloga em tempos pandêmicos. Perante as crises desencadeadas pela pandemia Covid-19, entende-se que reflexões acadêmicas são fundamentais para a compreensão e o enfrentamento desta realidade.

A entrevista reflexiva será o método utilizada, assim, serão realizados encontros virtuais individuais com representantes de cada chapa. Se entende que esta modalidade de intervenção pode colaborar tanto para a obtenção de dados quanto para com reflexões acerca do fenômeno estudado. Pontua-se que as entrevistas serão gravadas. E, acrescenta-se que o presente estudo almeja colaborar para com o desenvolvimento da psicologia enquanto ciência e profissão.

A qualquer momento o(a) Sr.(a) poderá solicitar esclarecimento sobre o desenvolvimento do presente projeto de pesquisa e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá retirar sua autorização de participação. O pesquisador solicitante estará sempre apto a esclarecer estes e quaisquer outros pontos e, em caso de necessidade, dar indicações para solucionar ou contornar qualquer mal-estar que possa surgir em decorrência da pesquisa. O contato com o pesquisador poderá ser realizado através do telefone (11) 97401-5817 ou através do e-mail fabiob.psico@gmail.com, sendo possível também obter informações junto a Secretaria do

Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP Monte Alegre, que está localizada no térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello (Prédio Novo), na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969, Perdizes São Paulo/SP, CEP 05015-001. Tel./FAX: (11) 3670-8466, e-mail: cometica@pucsp.br. Sendo o horário de atendimento de 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos e os pesquisadores assumem a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo dos(as) participantes, como nome e endereço.

Quaisquer outras informações pessoais não serão em hipótese alguma publicadas sem a autorização expressa dos participantes. Na eventualidade da participação nesta pesquisa causar qualquer tipo de dano às participantes, nós pesquisadores nos comprometemos em reparar este dano e/ou prover meios para a reparação. A participação será voluntária, não fornecemos por ela qualquer tipo de pagamento nem exigimos qualquer tipo de remuneração.

Conforme Resolução CNS 466/2012, a pesquisa só terá início nesta instituição após apresentação do Parecer de Aprovação por um Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Plataforma Brasil. Estando esta pesquisa registrada sob o número do Parecer 5.017.570.

Ao assinalar ACEITO, a participante declara que está esclarecida sobre como será sua participação na pesquisa e concede de forma livre as informações acima descritas sobre o tema pesquisado.

Assinatura da participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

ANEXO 2 - ENTREVISTAS

Transcrição da entrevista reflexiva com a Psicóloga Camila

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente

((palavra))

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Duração: 01:40:23

(Início)

P: Oi Camila, boa tarde.

R: Oi, espera aí. Deixa eu colocar o fone. (Pausa). Conseguimos. Tudo bem?

P: Eu estou bem e você? Me ouve bem?

R: Tudo jóia. Escuto bem sim. Pode falar. ((Risos)).

P: Estou muito feliz. ((Risos)).

R: É. Difícil, né?

(...)

P: Você está falando da Capital ou do interior?

R: Da capital. (...).

P: Eu pergunto por que eu vi que nas chapas tinham algumas pessoas do interior.

R: Isso. Eu fiz parte das duas últimas eleições.

P: Nossa, que legal. Eu já vou...

R: No que eu puder te ajudar.

P: Primeiro eu vou pedir autorização para gravar a nossa conversa. Depois eu vou fazer a transcrição, e em cima dessa transcrição que eu vou fazer a análise. Obviamente que a sua

identidade vai ser preservada. O nome ou até mesmo a chapa não serão identificados. Pode ficar tranquila.

R: Tá.

P: Então, até pegando um gancho. Eu vou fazer a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, é aquele aceite que a gente dá para uma pesquisa. Depois disso eu conto um pouco melhor os objetivos do meu trabalho, e tudo mais, beleza?

R: Depois você pode me enviar a cópia?

P: Eu vou te enviar. Se você puder assinar, tudo bem. Senão, eu pego os seus dados somente.

R: Tá. Beleza. Tá bom.

(Leitura do TCLE que está em anexo)

P: Meu nome é Fábio. Sou aluno de Mestrado da PUC-SP. Sou orientado pela professora Luciana. E como que eu cheguei até a senhora? Eu tenho o interesse em estudar atuação e formação profissional de psicólogas, e aí, partimos da pandemia. No meu mestrado tivemos um semestre de aula presencial, e no segundo semestre já foram aulas on-line.

R: Nossa.

P: É complicado porquê para a criança é difícil, para o adulto também é difícil.

R: Imagino no mestrado.

P: Para o professor é difícil. Foi algo que alterou não só a minha atuação enquanto pesquisador, acabou virando uma das possibilidades de pensar a formação. Mas também, enquanto profissional, porquê eu também sou psicólogo clínico, eu já fui psicólogo da saúde pública, eu já dei aula, então, de certa forma, em um dos meus trabalhos eu fui substituído por uma ex-aluna, e eu penso essa questão da formação, esse compromisso para com a formação de qualidade. E aí, neste momento, em que eu estou estudando e vem a pandemia, que dê certa forma reorganiza a maneira como a sociedade funciona, eu parto, então, da pandemia. Para pensar, justamente, a atuação, e o projeto de formação. Detalhe, a minha pesquisa acontece em um momento em que a formação está sendo discutida, tem uma proposta de Diretrizes Curriculares que está aguardando a homologação do MEC. É algo que está sendo trabalhado, não sei o quanto a senhora acompanhou ou não, tudo bem, isso não é foco.

R: Pouco. Uhum.

P: Mas então, é uma pessoa que quer estudar atuação e formação num momento em que existe uma discussão semelhante. Então, o título da minha pesquisa é “As muitas psicologias: reflexões sobre os diferentes projetos-políticos da profissão para pensar a formação”. Os objetivos da pesquisa; (1) pensar a atuação na pandemia; (2) pensar o projeto ético-político da profissão; e, se possível, (3) pensar sobre a formação. Como que está se dando esse processo; eu vou conversar com ambas as chapas, hoje eu estou conversando com a senhora, e eu agendei, na próxima semana eu converso com a outra chapa, o objetivo não é ver quem está certo ou errado, obviamente, mas, é pensar. Detalhe, a minha orientação é fenomenológica, então, enquanto fenomenologo-existencial, mais do que nunca, o objetivo é compreender. Analisar é uma palavra que eu quase não uso, mas sim, compreender, entender. Então, conversando hoje com senhora e depois com a segunda chapa.

R: É só eu que você vai conversar, da Chapa “Exemplo 01”? Ou você agendou mais pessoas? É uma pessoa só?

P: Então, eu tentei. Eu não consegui, eu tentei. Porque, o que que aconteceu, explicando então, eu peguei os projetos - até explicando como que eu cheguei na senhora - eu peguei, no próprio site do CRP, eu peguei aquele material gráfico que foi produzido, as propostas...

R: E tem os nomes da gente lá.

P: Eu mandei um e-mail para o e-mail que estava lá. Não tive retorno.

R: ((Risos)). É, provavelmente não. Quem abria era eu.

P: Era você? Coincidência, né? ((Risos)). É “chapa01”.

R: Eu nem sei a senha mais.

P: Coincidência. Eu acho que é “chapa01@email.com”.

R: Como?

P: “chapa01@email.com”.

R: Ah, esse é do outro colega da chapa, não é meu. Você pegou no Facebook?

P: Eu peguei no Facebook da chapa, mas, eu acho que está no material gráfico mesmo...

R: Na página da chapa no Facebook. É do outro colega esse. Só ele tinha acesso. Mas, a gente tinha um outro também que a gente montou, que era “exemplo.chapa01@email.com”, e teve

“outro.exemplo.chapa01@email.com” que foi depois, teve vários e-mails, mas, então tá, esse é do outro colega.

P: Mas, eu confesso que esse do “exemplo.chapa01@email.com” eu nem tive acesso. Eu tentei, então, mandei mensagem pelo Facebook da chapa também, não tive retorno, aí, eu fui tentando encontrar as pessoas ou no lattes, ou no Facebook.

R: Uhum. Você encontrou alguém?

P: No Facebook foi a senhora e mais um outro rapaz que me responderam.

R: O Felipe?

P: Não, o Felipe, eu conheço “de vista”.

R: Então, eu até falei ontem, a gente se fala, eu sou amiga do Felipe, do José, do Luiz Junior.

P: José?

R: O José não estava na chapa esse ano. Mas, ele ajudou a gente a montar a chapa (...). Então, ele estava com a gente nas reuniões e acabou dando algumas orientações para compor a chapa.

(...)

P: Eu mandei mensagem para o Felipe no Facebook, eu adicionei. ((Risos)). Só, que, acho que ele nem viu a mensagem, não sei se só aceita quem conhece também. Mas, quem eu localizava o lattes, eu mandava e-mail pelo lattes direto, e aí, eu mandei várias mensagens pelo Facebook.

R: Não é todo mundo que vê, vai para caixa, aquela caixa, caixinha [de spam]. É que calhou de eu ver, mas, geralmente eu não olho. Vai para aquela caixinha que fica separado, tem pessoas que pedem solicitação. Ah, se você quiser, eu te passo, tenho telefone e e-mail de todo mundo.

(...)

P: Me ajudaria muito.

R: Eu te mando sim.

P: Eu agradeço.

R: Eu tenho dessa gestão, e de 2016. Não sei se 2016 você pegou ou colocou na sua pesquisa.

P: Não, porque o meu foco é 2019. Mas, me ajuda muito.

R: Tá. Eu passo sim, eu tenho aqui.

P: E aí foi assim. Por que a outra pessoa que me respondeu me sugeriu uma pessoa que não aparecia naquela relação de candidatos.

R: É o José? O Junior?

P: Eu não me lembro. Eu acho que era uma pessoa do interior que me sugeriram...

R: (...) quando foi para compor agora em 2019, a gente viu pouca, porque assim, muitos poucos psicólogos, e isso vem repetindo há muitos anos, muitos poucos psicólogos vão votar. A gente tem uma média de 40% da categoria que vota no dia da eleição. (...)Então, a gente queria mobilizar esses 60% da categoria que não vota, nem sabe se é obrigada a votar ou se não é, porque que tem eleição, quais são as chapas, nunca ouviram falar, só foram no Conselho fazer carteirinha. Então a gente fez uma composição, com mais uma outra chapa, e então resolveu fazer uma composição que era 50% de cada. E com a outra chapa que concorreu não tinha como porque era uma coisa muito dispare. São ideologias muito diferentes. Não sei se você conhece.

P: Eu lembro, pelo que eu vi até, inicialmente eram três chapas se inscreveram, mas, só duas chegaram ao pleito.

R: Isso, porque uma delas foi... Eu não sei como que chama a palavra correta...

P: O que me disseram é que parece que a documentação foi indeferida.

R: Isso, foi indeferido por conta de documentação.

P: Não foram eles que compuseram com vocês?

R: Não, a gente compôs com o outro movimento. O que a gente sentiu na eleição, não sei se você vai perguntar, ou prefere que eu vá falando.

P: Olha, eu tinha basicamente duas perguntas, então.

R: ((Risos)).

P: A primeira é como a senhora, se apresenta e se aproximou da chapa, e depois é a pergunta da...

R: Disso aí que eu estou te contando.

P: É, um pouco. Se a senhora quiser contar um pouco. Um pouco até sobre a senhora,

R: Tá, vou tentar colocar a minha reflexão aqui, é uma percepção minha, acho que vale a super a pena você conversar com outras pessoas que compuseram a chapa, que era uma chapa bem

diversificada. Não era uma chapa em que a gente montou um grupo porque se conheceu num tal lugar, não. Pipocava gente de vários lugares e de vários jeitos. Inclusive da questão ideológica também, ideológica partidária inclusive, tinha gente que era bolsonarista na época, foi logo depois da eleição, foi antes, né? Antes. Tinha bolsonarista, tinha galera do PSOL, tinha militante do PSOL, (...) então, algumas pessoas que, assim, pessoas diferentes, e eu acho que isso deu uma graça até pra chapa. E aí foi isso, foi um compuser. (...) Eu fiz campanha na frente do CRP no dia, a gente pode conversar um pouco com quem tá chegando, e percebi que as pessoas não se ligam muito nisso, sabe? Eu me formei, ah, deixa eu contar de mim, então. ((Risos)).

P: Só pra repetir então, as perguntas, como a senhora se apresenta e como se aproximou da chapa, movimento.

R: Então, eu sou a Camila, me formei no final da década de 90 numa Universidade localizada aqui na cidade de São Paulo. É uma universidade particular. Nessa universidade eu conheci o professor José, e a gente sempre teve contato, nesses anos e às vezes, encontro do pessoal da turma de cinco anos, encontro do pessoal da turma de dez anos. E aí, eu fiz um tratamento médico, a gente estava se encontrando sempre pela região de onde eu fazia o tratamento, “oi, tudo bem?”, “ah, vamos tomar um café?”, e aí ele falou da chapa que na época ele estava articulando com outros psicólogos e professores de psicologia, (...) aí ele falou “ah, vai ter uma reunião, vamos montar uma chapa, pra concorrer ao CRP e você tá convidada”. Legal. Eu não entendia nada, e ainda não entendo. ((Risos)). Muita coisa, mas, eu lembro que quando eu me formei, o Conselho era um lugar que a gente ia para assistir palestra, o Conselho era um lugar pra gente encontrar com os amigos pra fazer alguma coisa, sempre tinha um evento, alguma plenária. Eu lembro de ter ido em COREP, que era o encontro de estudantes de psicologia. (...) Eu fiz muitos amigos por estar frequentando o CRP, amigos da PUC, amigos da USP, coisas que eram importantes pra mim, porque eu estava vindo de uma faculdade particular. Eu não tinha o contato mais vivo, tanto eu fiz amigos, que depois eu vim trabalhar com esse pessoal em projetos muito legais. Acho que deu um brilho, assim, estar lá dentro era um diferencial. Frequentar o CRP, ter esse *métier* de psis, fazia diferença naquela época. E aí, eu fui percebendo que o CRP foi esvaziando, né? Esvaziando e enchendo. Pouco tempo depois eu mudei de cidade e não estava aqui sempre, mas eu fui percebendo que tinha muita coisa, muito psicólogo reclamando, falando de carteirinha, disso e daquilo, mas, não tinha essa acolhida mais. Parece que o CRP fechou assim. Não tinham as chamadas. Eu achei meio estranho, porque a gente não ouvia mais “ah, vai ter uma plenária” e “vamos falar sobre direitos LGBT’s”, “direito do negro”.

Naquela época tinha, eu fui pra ver “Teoria dos Campos” eu fui assistir lá, um monte de palestrante que eu acabei conhecendo, que ia lá e falar sobre determinado assunto e isso, acabou. Participação zero, assim. E, aí, quando (...) encontrei com essa turma “vamos montar chapa” e fui participando mais das reuniões como ouvinte, era um pessoal mais experiente e que estava acompanhando o que que estava acontecendo lá dentro. E era um pessoal muito experiente no sentido político mesmo, porque eu estava a par disso, eu não sou envolvida. Eu não sou de ficar indo em “luta antimanicomial”, em “marcha da maconha”, eu sou uma pessoa mais reservada assim, mas, eu percebia que ali tinha uma vontade de luta assim, sabe? Nesse grupo. E foi isso que foi me encantando, eu acho. Por que eles faziam, (...), eles têm uma história mais ativa dentro da psicologia. E aí, aquilo foi me encantando, encontrar com eles, por que nós que somos psicólogos clínicos, a gente acaba se isolando. A gente não faz grupo de estudos, eu fiz quinze anos o mesmo grupo de estudos. Risos. Agora, as pessoas que eu fazia grupo de estudos já se foram, desse grupo de 20 [membros] eram todos muito mais idosos do que eu. Eu falei, “não, eu tenho que sair um pouco do consultório”, e me dar a oportunidade de conhecer outras pessoas psis, e aí que foi isso, me chamaram para participar da chapa, eu acho que foi muito mais legal a composição de 2016 do que a de 2019, porque a gente tinha muito mais afinidade, até interesses, as pessoas que estavam envolvidas no processo eram pessoas... Eu acho que pessoal mais velho, meio que cansou, sabe? ((Risos)). Eu acho que estão cansados, muitos já estão quase aposentando. Deu uma esfriada até 2019 (...). Mas enfim, eu estava lá, eu acreditava, nas propostas chapas, eu achei que 2016 foi uma coisa muito mais criteriosa e fomentada, tinha mais dinheiro também, (...), então tinha uma assessoria de comunicação que nos ajudou um pouco mais a fazer uns vídeos, e fez umas entrevistas, não sei se você viu no YouTube.

P: Não, não, sinceramente não.

R: Depois você procura, tá no YouTube, se você quiser, depois te mando.

P: Manda, por favor.

R: Tem lá os vídeos, dos candidatos, e nós tínhamos essa assessoria, esse cara de jornalismo, deu um enquadre legal assim, pra coisa, sabe? Ficou mais “profissa”. (...) Umass coisas assim que não foi uma campanha como foi em 2016; você precisa de muito envolvimento das pessoas, precisa de engajamento, e, tinha algumas pessoas que estavam realmente engajadas e tinham algumas que estavam lá para compor a chapa.

(...)

P: Então já tem mais ou menos uns 5-6 anos que você está mais próxima desse movimento?

R: É, desde 2016.

P: Entendi.

R: Só que 2016 era uma composição, só que depois ficou umas quatro ou cinco pessoas (...). A gente fez uma composição nova em 2019. E aí é que gente resolveu compor com uma outra chapa, só que aí era 50% de cada chapa. (...) A gente estava compondo a chapa respeitando as mais diversas ideologias das pessoas, porque isso não tinha que entrar em pauta do CRP, por ser uma autarquia. Uma das coisas mais importantes que a gente estava propondo na chapa era ter uma participação democrática, dialogar com as diferentes psicologias, entra um pouco isso aí que você está estudando, né?

P: Conta um pouco mais disso por favor.

R: Tá.

P: Quais são essas diferentes psicologias, por exemplo? Até essa proposta de vocês.

R: Então, eu acho que isso, assim, eu vou dar um exemplo, para ser mais prática; nós temos psicólogos no Brasil que estão trabalhando em comunidades terapêuticas. E a gente tem um grupo de psicólogos que não... Que participa da luta antimanicomial e acredita na não-institucionalização. Né? A gente tem essas duas psicologias, digamos. A gente tem a psicologia, o psicólogo, o profissional que aceita, quer trabalhar, e esse psicólogo que trabalha em comunidade terapêutica, ele tem uma responsabilidade técnica, tem um saber, tem o conhecimento. Ele tem que ser considerado dentro desse saber e desse conhecimento. E o que sinto um pouco é que no CRP atual, nessa constituição do sistema, não é aberto, não tem dialogo com essas pessoas. Quando os psicólogos que trabalham em comunidades terapêuticas vão pedir uma orientação, que é a base, ((risos)), do que o CRP deve fazer, ele sai de lá “quente”. No CRP, a orientação que é dada, dentro da comissão de ética é de fechar isso, de fechar as portas, “não, você não tem que atender em comunidade é terapêutica, tem que fechar”. Mas, como que você vai lutar contra isso? Tem centenas de psicólogos trabalhando, não sei quantas comunidades terapêuticas (...). Então, eu acho assim, se abrir e tiver um diálogo, tiver uma normatização, uma regulamentação, começar a enxergar isso com outros olhos, talvez a coisa comece a andar. Por que o que a gente tem é essa psicologia paralela, sabe? Os psicólogos que estão fazendo paralelo, o psicólogo coach que é psicólogo paralelo, o psicólogo... Eles não deixam. (...). Eu acho que o CRP, ((risos)), teria que estar aberto nesse sentido. Assim, vamos

escutar o que que o pessoal do ThetaHealing que é psicólogo tem para falar? Vamos escutar o que os psicólogos que trabalham dentro das comunidades terapêuticas, o que eles estão vendo lá, como que é o trabalho deles, estão fazendo prontuário ou não estão. Porque está se dando uma balburdia, né? Os psicólogos continuam atuando nestes lugares, continuam trabalhando desta maneira. E aí fala assim, “agora vem a discussão porque os testes psicológicos”, “ah, porque agora todo mundo vai poder aplicar teste psicológico, porque é um absurdo, porque o coaching vai lá na Vetor comprar teste e tal, tal, tal”. Mas, tem dois vieses, eu escutei bastante sobre isso, né? Mas, eu acho que tem a coisa do não ser exclusivo do psicólogo não influencia tanto, eu acho que é a formação, o olhar... Eu acho que vai bem de encontro assim, com a formação. Né? Eu acho que eu tive uma (...) sorte assim, na minha vida, de encontrar pessoas que fizeram a diferença na minha profissão, sabe? Eu fui me envolver com pessoas que eu conheci lá no CRP, profissionalmente... Eu tenho amigos, [tenho] encontro de amigos da minha faculdade, da minha formação, que muitos não estão trabalhando na área, muitos, não conseguiram se manter. Né? Eu acho que tenho dois amigos da minha sala que trabalham... O resto...

P: Nossa...

R: Um trabalha no metrô, um tem uma escolha de circo, a outra foi trabalhar com... Então, assim, tenho um amigo que é clínico, neuropsicólogo, trabalha há muitos anos, até indico pra ele, e tenho uma outra amiga que é psicóloga do trânsito, e montou uma clínica de trânsito. Só. Não conheço mais ninguém que esteja trabalhando... E uma de RH. Só! Eu não conheço mais ninguém e eu tenho contato assim, com bastante gente que fez e tal... É triste, né? Ver assim, o quanto que a coisa não fica valorizada, não é? E aí voltando a falar lá dos testes, falta um pouco dentro dessa formação a gente se olhar mais, se valorizar mais, ter valor também, né? Porque você vai numa faculdade, que nem, eu fui assistir aula na universidade, uma vez, de psicologia, e o professor não dava nada, só dava trabalho em grupo. O professor de psicologia! A pessoa fica desinteressada, como que ela vai achar que tem valor se ela não aprendeu nada na faculdade, de fato? Ela tinha um professor ruim.

P: Qual faculdade? Desculpa.

R: Na UniExemplo, a minha filha estudava lá, e eu falei, ah, vou entrar na aula de psicologia para assistir. ((Risos)).

P: ((Risos)).

R: De curiosa.

P: Já que estou aqui, né?

R: Já que estou aqui, entrei lá na sala, falei “posso assistir?”. Então, eu acho que é muito, tiveram muitas faculdades de psicologia, o CRP ficou saturado de psicólogo, não acompanhou essa evolução... (...). E formação nenhuma, assim. Participação, nenhuma, COREP não tem mais, ENEP não tem mais... Congresso, só para congresso que vai apresentar trabalho, ou que tem algum envolvimento, em algum fórum, alguma coisa, o psicólogo que foi despejado no mercado, que veio das universidades particulares, nem tá sabendo o que é congresso de psicologia, nunca foi num congresso de psicologia, não sabe. ((Risos)). Não tem noção do que é um congresso, o que ele vai fazer num congresso, acabou de se formar e está desempregado, ((risos)). E, assim, a vez que eu fui pra um congresso, foi num congresso em Florianópolis, acho que foi 2001 ou 2002, por aí, e eu achei um máximo, foi o primeiro congresso que eu fui, não tinha ido em nenhum.

P: Você já estava formada?

R: Já estava formada. Mas, já tinha participado da Mostra¹⁰, isso fez muita diferença, ter uma amiga minha [que não estudou na mesma universidade que eu e me apresentou o CRP] (...). Você tem lá, o quadro de Conselheiros, na época não era concursado todo mundo, todos os funcionários não eram concursados, não tinha concurso para trabalhar na parte administrativa. Depois que vieram os concursos da Quadrix¹¹, e também, acho que foram poucos concursos que fizeram, porque, a gente vai no CRP e não tem ninguém trabalhando lá dentro. Na pandemia tá fechado, não sei se você chegou a ir. Você foi?

P: Não.

R: Eu fui ((risos)). Eu precisava de uma certidão, cheguei lá e dei com a cara na porta, não tem telefonista trabalhando. Todos os órgãos públicos já tinham voltado, seguindo o protocolo de segurança e tal, e o CRP está fechado até hoje. A porta fechada, só fica o guarda lá dentro, não tem uma pessoa para te dar uma informação, não tem uma telefonista para atender um telefone, não tem nenhum funcionário. Estão todos on-line, na casa deles.

¹⁰ A 1 Mostra Nacional de Práticas em Psicologia: Psicologia e Compromisso Social foi um evento organizado pelo Conselho Federal de Psicologia e realizado no ano de 2001.

¹¹ O Instituto Quadrix é uma “organização sem fins lucrativos que atua na organização de concursos, seleções e soluções inovadoras” (INSTITUTO QUADRIX, 2021).

P: É que eu vi no site que estava tudo virtual e não precisei procurar.

R: É. Mas, se você quiser, eu te mando até foto, que eu tirei lá no dia que eu fui.

P: Sim.

R: Só por e-mail. Você não consegue resolver nada por telefone, não consegue tirar uma dúvida, nada. Resolver não digo, porque tem coisa que tem que resolver com documentação, e-mail e tal, mas, se você quer tirar uma dúvida, não tem como. Você tem que escrever, você não pode conversar com ninguém, eu acho que isso é fechar a porta mesmo. Não tem nenhum canal de comunicação, outro, a não ser você escrever, uma carta, redigir uma pergunta, uma coisa mais elaborada, eu acho muito absurdo isso, bem fechado. As plenárias? Eu não sei como que é a regulamentação das plenárias, mas, eu acho que também é uma coisa a ser vista, porque tem algumas plenárias que os psicólogos “mortais” tem voz, em algumas plenárias os mortais podem ser ouvintes, mas, não tem voz e nem voto. Em algumas plenárias me parece que faz só eles com eles mesmo, assim, e aí, vai lá depois na frente de todo mundo para falar, a gente já fez a pré-plenária, mas, agora a gente vai fazer a plenária para formalizar. Eu acho que é um pouco assim, não sei. Essas coisas que eu acho que precisa mudar assim, estruturalmente. Eu acho que o CRP comprou mais, tá querendo comprar mais sede, abrir mais sede, sede, sede, sede, meu, pra que tanta sede se não tem ninguém lá dentro? Sabe? Arruma um lugar pra fazer coisas, pra chamar as pessoas, clube, sei lá. Alguma coisa que os psicólogos possam conviver entre eles, sabe? Tem clube dos magistrados, não tem? Clube, sabe? Uma coisa que a gente possa ter essa troca, né? Não agora, na pandemia, porque tudo ficou, mas, há quantos anos e o quanto de dinheiro que tem, a gente não vê. Antigamente a gente falava, a gente vê o jornal, hoje em dia não tem mais jornal, nem jornal. Né? Se você quer saber alguma novidade, você tem que entrar no site, senão, você não tem... Antes a gente recebia o jornal em casa e justificava o preço da mensalidade porque tinha as publicações dos jornais e tal, mas hoje em dia é tudo on-line, né? Falaram que iam fazer a carteirinha virtual, até hoje, nada de carteirinha virtual. O que eu achei assim foi bom, biblioteca virtual eu acho, que é muito legal isso, tipo estão de parabéns na gestão. Mas, são coisas assim muito pontuais, sabe Fabio? Eu acho que tinha muita coisa a ser feito, e aí agora, pandemia...

P: Tá, eu só vou reformular a pergunta, eu agradeço a primeira parte, muito legal a sua percepção. Qual a concepção de atuação profissional na situação de pandemia para a chapa da qual a senhora faz parte, é claro.

R: Como assim? Eu não estou falando nome da chapa, eu estou falando em meu nome, né?

P: Sim, mas, eu acho, eu posso estar enganado, mas, eu entendi que há divergência até, principalmente em 2016, eu entendi que era algo mais uníssono, de certa forma, mas, é possível de falar sobre como talvez a chapa pensa atuação na pandemia? Ou como poderia pensar?

R: A gente não se falou mais, né? Assim, acabou a eleição, e, assim, eu tenho contato com os meus amigos assim que participaram da chapa, mas, a chapa não tem um consenso a respeito do CRP na pandemia, digamos. A gente não chegou a discutir, por isso que eu falo, tipo eu não tenho como falar da chapa, né? O que que eu percebi foi isso, eu cheguei lá e está fechado, a gente quer uma informação e a gente não tem, participação, eu não recebi nenhum SMS, nenhuma mensagem de e-mail falando “olha estamos realizando congresso, estamos realizando plenária, estamos realizando... Quer participar?”. Não. Eu acho que falta isso, consultar os psicólogos e as várias psicologias, o que você está pesquisando, pra pensar o que que a gente pode construir junto, né?

P: Mas, e pensando na atuação, não do CRP, mas, da psicóloga?

R: Ah, do psicólogo? Do psicólogo na pandemia? Assim...

P: Desculpa se não ficou claro, mas, assim, qual a concepção de atuação profissional na situação de pandemia, para a chapa de qual você faz parte. Mas, atuação profissional da psicóloga, eu até escrevi uma outra possibilidade, que é como acha/entende que deve ser atuação da psicóloga nessa situação de pandemia? Eu entendi um pouco que fica difícil falar em nome do chapa, mas, como a senhora, enquanto representante, aqui, neste momento, entende que precisa ser essa atuação, neste contexto?

R: Ó Fábio, vou te falar da minha experiência no começo do ano passado e como que se que se deu, eu tive que me reinventar, né? Eu acho que isso faz parte da... Como é que vou dizer, essa reinvenção é uma pré-disposição egóica até, sabe? É uma... ((Risos)).

P: Ê, psicólogos.

R: Você é da fenô, né? Mas assim, é uma é uma, isso é uma coisa individual, é subjetivo você não vai encontrar isso, essa reinvenção, né? Em vários psicólogos, né? Alguns colegas eu sei que se deram muito mal assim na pandemia, questão de consultório, eu alugo alugava uma sala e a menina que alugava a casa ficou desesperada porque ela estava alugando duas casas com salas, né? Para atendimento avulso o período e os psicólogos pararam do dia para noite, as sublocações, de sala clínica. E aí, eu faço um outro trabalho como AT – Acompanhante Terapêutica. E aí, quando começou a pandemia, eu estava com quatro pacientes fazendo três ou

quatro vezes por semana o acompanhamento, desses quatro pacientes; uma paciente, logo no começo da pandemia, faleceu, outros dois pararam. Nesse campo on-line eu tentei, fiz lá um vínculo terapêutico, veio um rapaz que estava muito mal, precisava fazer terapia, eu tentei fazer on-line, mas, senti muita dificuldade porque são anos de profissão e eu nunca imaginei atender on-line, entendeu? Aí eu falei, “não, preciso me reinventar”. E hoje em dia, assim, se o paciente não cuspir na minha cara, eu atendo no consultório, ((risos)). E você vê que o paciente não vai cuspir na minha cara, eu atendo porque eu não me adaptei a essa coisa on-line...

P: Mas então a senhora está atendendo? Está trabalhando?

R: Eu estou atendendo, assim no consultório, três pacientes, já eram pacientes antigos que acabaram voltando pro consultório. O consultório é grande, lá onde eu subloco, e a menina marca, não está tendo tanta marcação, então, assim, tipo eu vou eu fico uma hora lá e depois não vai mais ninguém no consultório, sabe? É bem espaçado, então, eu estou indo para atender presencial.

P: A senhora está vacinada?

R: Eu estou a primeira dose, estou usando *face shield*, aí chego lá, sento na minha cadeira, o paciente tem senha, a porta tem senha, então, põe a senha, sobe pro consultório, a gente não se cumprimenta, já senta lá, é uma distância grande entre uma cadeira e outra. Abre a porta, abre a janela do consultório, que dá para o jardim no fundo e eu estou atendendo, entendeu? Não consegui, nas restrições parei de atender, depois atendi on-line, com o meu psicólogo eu estou fazendo on-line, estou achando ruim, não acho que é o melhor a se fazer, não consigo, e é isso. Aí, eu fui eu fiz terminei uma pós e agora vou começar a trabalhar com outra coisa, é isso que eu estou falando, tipo, vamos nos reinventar, fazer pós, estudar, se formar, fazer outras coisas. Eu trabalhei bastante tempo com AT, trabalhei com paciente idoso, trabalhei com os usuários de drogas, e eu estou meio cansada ((risos)). Então, eu falei, “ah vou mudar um pouco” e aí terminei a pós, eu falei “ah, é um trabalho super *light*, é gostoso, não vai me... ((risos)), entendeu? E aí vou trabalhar em clínica realização avaliação psicológica (...). Tem que dar entrada na documentação de PJ no CRP e fazer documentação do CRP. E aí então, por isso que eu fui lá também, para pegar essas certidões só que está fechado, é tudo por e-mail, aí demora 15 dias 10 dias para responder o e-mail. Complicado, né? É porque eles não têm pessoal trabalhando, né? Deve tá bem precária a coisa, são muitos psicólogos. Quantos psicólogos são em São Paulo? Não lembro quantos psicólogos tem.

P: Olha, eu levantei os dados para a pesquisa, inscritos ativamente...

R: Uns 20 mil?

P: Eu desconfio que é mais. No país, inscritos ativamente são mais 300 mil¹².

R: ((Risos)). Muita grana. É muito dinheiro que rola, né? Imagina.

P: E aí, em São Paulo...

R: Dava para fazer muita coisa...

P: Em São Paulo, eu não lembro em exato, mas, no país são mais de 300 mil. E aí entra naquilo, pode ter alguém que já saiu de área, alguém que faleceu, mas, o CRP está ativo.

R: É, os que vão se aposentando, acima de 60 anos eles não tem mais obrigatoriedade de voto, né? Mas acho que tem que pagar anuidade se tá ativo, é porque tá pagando anuidade...

P: Então, até onde eu sei, você pode ficar um período, até enviar para a dívida ativa. ((Risos)), então, as pessoas podem ir postergando, né?

R: Ah, tá. Entendi.

P: Não sei, eu posso estar enganado, mas, se a pessoa falece hoje, quanto tempo até dar baixa, né?

R: Entendi.

P: Mas, no Brasil, e até me chamou atenção, até orienta um pouco a minha pesquisa, porque querendo ou não, o campo das políticas públicas, a senhora falou dessa questão do crescimento das universidades particulares, é uma realidade, e boa parte está caindo no campo das políticas públicas.

R: E não acompanhou, o CRP não acompanhou esse crescimento e a gente tem um monte de psicólogo abandonado, estão cuidando não sei de quem...

P: Mas, na sua opinião, como que ele poderia ter acompanhado esse crescimento?

R: Ah, abrindo...

P: Em ações práticas...

¹² Segundo o CFP, em 21 de setembro de 2021, haviam mais de 121 mil profissionais inscritas ativamente no CRP-SP (CPF, 2021).

R: Ações práticas? Tecnologia. Eu acho que eles podiam investir em cursos ou capacitações on-line, curso on-line, debate on-line, isso eu acho que ia ser uma mão na roda. Isso, até esses psicólogos que a gente vê que tá um pouco, ((risos)), como é que vou falar, que tá fazendo coisa, tipo, o que vem na cabeça, sabe? Tem psicólogo aí que não conhece nem código de ética, entendeu? Só trabalhando com LGBT porque ele é LGBT, ele tá trabalhando de coaching, por que ele fez um curso de uma semana de coaching, entendeu? Se tiver um enquadro, um cuidado maior, eu acho que a coisa melhora, entendeu? Acho que falta a visão e falta visão de dar um curso como cobrar, né? Vem tanto psicólogo oferecendo preço social, o que é isso? Oferecendo “eu tenho preço social”. Olha o ponto que a gente chegou “eu atendo por 30 reais”, “eu atendo por 20 [reais]”. Sabe, é uma coisa assim que não dá e o CRP não faz nada, não faz uma nota, nossa, tinha uma dos dentistas, “procure o seu dentista”, se você quer, “procure o seu”, como é que tinha? Uma propaganda antigamente, “procure o seu corretor”, se você ia comprar uma casa, procure o seu corretor. Você vai falar de tratamento saúde mental, eu nunca vi uma propaganda do CRP falando “procure um psicólogo” não tem, assim “seu estou com problema de”, “se eu estou com depressão, “eu acho que eu estou com sei lá”, “ah, então eu vou procurar o tiozinho ali que faz coaching”, aí depois, até chegar um psicólogo e consegue fazer uma avaliação um pouco mais, e, com enquadro do que a gente aprendeu na faculdade, né? Até chegar no psicólogo que consegue fazer isso, só isso, é um custo. Eu trabalhei aqui, dois anos como voluntária na em uma instituição de saúde, tinha 16 psicólogos e era uma dificuldade para fazer um prontuário, para um psicólogo fazer um prontuário, porque não tinha prática, não tinha, achava que não precisa. Acha que não precisa, “acho que não preciso trabalhar com a tabela do CRP, de honorário”, “eu acho que eu não preciso trabalhar de acordo com a norma que tá lá”, “eu acho que eu não preciso” porque não tenho disciplina, não tem fiscalização e não tem orientação, sabe? Que seria essa função do CRP. Função do CRP não é fazer carteirinha, né? A função do CRP não é tá fazendo coisas do sindicato, digamos. Não é. A função é orientar, fiscalizar e disciplinar.

P: Mas, ele faz coisas do sindicato?

R: Ah, algumas não faz, mas, assim abraça algumas lutas ali, né?

P: Mas, a senhora consegue falar um pouco mais, porque eu não sei, posso estar enganado, mas, essa questão de valores, por exemplo, está muito atrelado a uma pauta do sindicato, né?

R: Como?

P: A questão dos valores, é uma pauta mais atrelada ao sindicato, não seria? Pensar em melhores condições de trabalho.

R: Seria também. A questão das 40 horas, né? Das 30 horas, seria também! Mas o que não deixa de ser uma pauta para o CRP também, eu acho. E agora não sei te responder, pode ser. Eu acho que tudo isso se confunde muito também, né?

P: Mas, na sua opinião, Camila, como que o CRP conseguiria chegar nos profissionais e despertar esse interesse. Porque, eu não estou aqui no papel de advogado do CRP ((risos))...

R: ((Risos)).

P: O meu papel é de pesquisador e o pesquisador basicamente pergunta, né? Porque eu fico pensando que nesse mundo de pandemia os eventos diminuíram, e a maioria dos eventos são on-line mesmo, eu vou participar de um congresso on-line quinta-feira, por exemplo, mas como que é como que o CRP poderia de certa forma “olha você psicóloga, venha e até mim?”, “venha, faça esse curso” ou então, “participe deste evento”, como que poderia se aproximar?

R: Então, criar um canal de WhatsApp, e movimentação, né? Chamar pelo WhatsApp, porque esse SMS ninguém vê mais, ele chama por SMS quando tem plenária, vamos supor, mas, SMS acho que ninguém vê, e as planárias são vazias, acho que abrindo canais de mídia, né? Eu acho que é isso, participando, mostrando a cara, eles se fecharam lá dentro, eles entre eles, entende? E tem que começar a ter uma veiculação maior, né? Até para população, em geral, não é só para psicólogos, foi por isso que eu falei, assim, população não sabe por quê que o psicólogo pode ajudar, o porquê, “mas porque é que eu vou no psicólogo?”, ainda tem isso a gente tem 50 anos de profissão né Brasil, fizemos 50 anos faz pouco tempo...

P: 60 já, né? ((Risos)).

R: ((Risos)). É, é 60 anos, e a gente não conseguiu fazer essa ponte da sociedade, né? Tem a questão do “ato médico” também, né? Que a gente ficou ali, né? Eu acho que teve uma época assim que a gente conseguiu ascender, né? Aquela coisa da psicologia hospitalar, o psicólogo dentro do hospital, essa história promissora, de luta, luta antimanicomial, a gente conseguiu ascender, assim, com força, né? E eram menos pessoas naquela época, não dá para entender, e eram menos psicólogos e tinham muito mais força de voz, né? Tanto para as lutas, pelas conquistas, e a gente, o que eu sinto, é que a gente está perdendo essas conquistas. Você não mantém, Fábio, a sua luta dia-a-dia, o que foi conquistado? A gente não tá conseguindo manter, a gente tá perdendo, tudo que foi conquistado, assim, nessa época ali, em que os psicólogos

desbravaram mesmo, né? Acho que o Cuidar, inclusive, tem o seu crédito em cima disso, né? Eu acho que assim, os primeiros anos da Psicologia ali, de 1960, e 1970, e 80, né? Era todo mundo muito engajado, né? Tanto psicólogos quanto psicanalistas. Psicólogos brasileiros, a psicologia argentina, a psicologia na Argentina, a gente tinha esse rebu, assim, sabe? Esse movimento. Hoje em dia é cada um por si, Deus por todos, né? ((Risos)).

P: Mas então, até pegando o gancho da sua fala porque isso me lembra o que você trouxe sobre a eleição, porque eu não sei eu fico pensando que se a galera não se envolve um pouco é porque tá muito “ah, eu estou cuidando do meu quadrado, eventualmente do meu consultório”, então, é, como?

R: Então, eu acho que é isso...

P: Mas então, como trazer essas pessoas?

R: Então, de repente a gente subiu, a gente estava numa subida, e de repente, a coisa tá parando, né? Ou até retrocedendo dentro do que a gente tá vendo, no quadro que a gente tá, vendo aí, de governamental, então, a gente tá quase fadado a não existir mais como profissão, eu já cheguei a pensar nisso, inclusive, Fábio, a psicologia vai acabar, porque, é uma autarquia que não tem credibilidade, nem para a sociedade e nem para os psicólogos. Né? Então, o que fez a gente ser psicólogo também foi a constituição da autarquia, né? A gente é reconhecido, né? Isso é uma conquista ímpar. A gente podia tá vivendo que nem coach, ((risos)), podia tá roubando e matando, entendeu? ((Risos)). Não, pô, nós conseguimos ter dignidade nesse mundo, sabe? Cara, assim, no final das contas, eu já cheguei a pensar assim, onde que a gente vai parar? Porque não tem união dos psicólogos, as lutas, elas são um pouco divididas, né? Inclusive, divididas na questão eleitoreira também, partidária. Ah, aí a gente vê assim, quem é mais liberal, mais de direita, é a favor, vou voltar lá no exemplo das Comunidades Terapêuticas, quem tem uma visão mais de esquerda a favor da luta na discriminação da maconha, legalização, você vê, né? Essa divisão, assim, e acho que a gente tá meio fadado a ter essas polarizações, e aí, ou a gente abre para dialogar, e chegar num consenso, “meu, vamos conversar cara, vamos ver que a gente pode fazer com isso” ou então, a gente vai ficar lutando contra tudo e contra todos, né? E essa luta pode acabar em todo mundo perdendo, sabe? Todos os psicólogos perdendo, e eu acho que um pouco esse movimento coaching, esse movimento das terapias integrativas, vem tomando seu espaço, eles vêm ocupando. A gente não tá fazendo nada como categoria para se sobrepôr a isso, porque eu acho que assim, pô, a gente tem nosso valor, a gente estudou cinco

anos, a gente fez trabalho, participou de uma banca, sabe? Foi analisado por professores, né? Que deixaram a gente, e eu acho que isso tem um valor, isso tem que ser considerado.

P: Mas, como que a gente poderia mostrar esse valor?

R: Eu acho que aí entra na questão da formação, mesmo e união. Assim, quem já está formado e tal, eu acho que falta a união dos psicólogos, assim, ter espaços de discussão, espaços de discussão democrático, sabe? Onde consegue escutar o outro. Eu participei de umas reuniões lá dentro CRP e eles não deixam você falar, assim, tu tem tempo para falar e se você tá falando uma coisa que você não concorda, que eles não concordam na plenária, eles te cortam microfone, entendeu? Eu acho que tem que ter espaço de discussão democrática de verdade, sabe? Uma coisa bem aberta mesmo, “ah, vamos trazer um cara que fala sobre... Um cara Febract”, entendeu? Vamos trazer o cara da Febract e a pessoa que que sofreu também com violação de direitos dentro da comunidade terapêutica, tem que ouvir tudo isso.

P: O que é Febract?

R: É a Federação Brasileira das Comunidades Terapêuticas, tem que ser esse cara tem que ser o cara, que tá lá que passou dentro da instituição, várias pessoas participando desse fórum, sabe? De contribuição, não é só escutar “a gente acha que não é para ter comunidade terapêutica, então não é para o psicólogo trabalhar lá dentro”. “Ah, o psicólogo está trabalhando dentro da comunidade terapêutica, a gente vai lá e faz uma penalização”, e não é assim, o psicólogo precisa trabalhar, psicólogo de cidade pequena, se tiver uma comunidade terapêutica pagando mil reais para ele, ele vai ficar feliz, porque ele estudou para isso e ele vai querer trabalhar, seja lá onde for, você entende? Eu acho que é um pouco isso, é, tem que escutar, né? Aumentar a participação e aumentar a formação, e a capacitação.

P: Desculpa, repete por favor.

R: Aumentar a participação e aumentar a capacitação. A formação do psicólogo, investir nesses dois, acho que essas duas frentes seriam super importantes, assim, tanto capacitar, no sentido de informes, o CRP tem um material muito rico, né? Eu adoro, eu adoro ir lá, eu vou lá tem um funcionário que trabalha lá, que é do almoxarifado, e eu falo, “ah, tem uma revista assim assim assim”, e tem tudo lá dentro, todas as revistas, tem um arquivo enorme lá dentro, só que é fechado, fica lá, né? Tomando pó. E eu acho que isso tinha que ser discutido, tinha que ser aberto. Pô, tem não sei quantos psicólogos, porquê que não chama psicólogos para ir lá da palestra? Por que que não chama pessoal que tá se formando, que está fazendo mestrado, que

tá fazendo doutorado para ir lá falar sobre seu tema? Vamos fazer o tipo, antigamente tinha o cine, cine debate no CRP, e você vê, eu era bem ativa, ((Risos)). Porque eu ia, curtia pra caramba e aí, tinha o cine debate, e passava um filme, e iam três psicólogos falar a respeito do filme. Até hoje, sabe onde que eu vou? Na APM, na Associação de Psiquiatria, porque no CRP não tem mais, eu adoro cinema, eu adoro discussão de filme, eu vou na APM, no CRP não tem mais, se tivesse no CRP, eu iria e fecharam, assim, então, esses espaços, assim eles foram minando, né? E não, é assim, aquele auditório era lotado de gente. Hoje, em dia você vai numa plenária, tem três ou quatro gato pingado, e isso, eu estou indo em plenária há anos, assim, só não fui agora, na pandemia, não participei de nenhuma on-line, mas, quando estava tendo plenária, eu estava sempre indo e até o “Integra”, que foi um é um grupo, não sei se você conhece...

P: Não.

R: É um grupo, que o primeiro ano de 2016, que foi o Cuidar que ganhou e foi a diretoria dos conselhos, do Conselho de São Paulo, era formada pelo “Integra”, que eram participantes do Cuidar, depois que eles formaram esse grupo “Integra”, e eles até desenvolveram um documento falando a respeito de questões orçamentárias, das questões das plenárias, de como que estavam se dando, das aprovações orçamentárias, até fizeram um documento no Facebook falando a respeito disso, depois eles saíram da gestão (...) não sei se você já ouviu falar...

P: Eu acho que lembro alguma coisa, eu acho que teve um rompimento dentro da própria gestão.

(...)

P: E pensando nessa questão da pandemia, como que você avalia a postura do CRP, no sentido de que, igual, para fazer o atendimento on-line, foi solicitado, foi orientado que as pessoas fizessem um cadastro.

R: Sim, eu fiz.

P: Acho que teve um evento, alguns eventos nesse sentido, como que você avalia essa postura?

R: Ah, acho que ficou bem desorganizado isso, eu fiz esse cadastro, depois eu fiquei sabendo que não precisava fazer o cadastro, depois eu procurei lá e não sei se tinha que eu tinha que aguardar o CRP dar aval. Mas, aí agora não precisa mais do aval do CRP e podia atender on-line. E aí, plataforma, no começo da pandemia procurei uma plataforma e falaram que tinha que pagar, que seria mais seguro do que atender pelo WhatsApp ou pelo [Google] Meet, e o Zoom e tal, e a gente chegou fazer umas reuniões pelo Zoom, o meu grupo de estudo, e a gente achou

bom, a gente achou confiável, seguro, e eu atendo assim também. Eu atendi acho que uma vez, uma primeira consulta por WhatsApp e eu coloquei fone de ouvido pedi para pessoa ficar no lugar reservado, para colocar fone de ouvido, dei um enquadre, fiquei aqui no meu quarto, (...) eu tenho que ficar bem isolada, não dá para ser na sala, não dá para ser em lugar nenhum, tem que fechar a casa inteira, e fechar a porta, por que senão eu não consigo atender também, muita interferência. Mas eu achei seguro, eu achei que não tem problema de invasão, de alguém vai pegar e clonar o celular, e vai escutar, a sessão não fica gravada, eu faço a sessão e depois faço as minhas anotações, os meus registros e é isso. Agora eu acho que falta um manual de boas práticas, alguma coisa assim, né? Eu acho que tem muito psicólogo que ainda está perdido, eu acho. Às vezes eu participo de grupo, de reunião, e aí pessoal faz qualquer lugar, liga o celular, liga o WhatsApp, agora os aplicativos, o Meet, o Zoom pega no celular também, então, antes eu fazia mais, eu faço, eu gosto de fazer mais no tablet, mas, eu o pessoal usa mais o celular e fica essa coisa, assim, meio desorganizada.

P: Mas, eu acho que tem uma resolução do CFP sobre essas práticas.

R: Pode até ser que tenha, é isso que eu falo, o CRP tem materiais ótimos, excelentes, mas, que não são disponibilizados, né? Não é que não são disponibilizados, o psicólogo não sabe, entendeu? (...). Eu acho que falta alguma coisa, acho que falta alguma coisa no sentido de quando que eu, quando que o psicólogo tem vínculo com o CRP, sabe? Quando o psicólogo tem vínculo com as informações que o CRP produz? Para onde que vão essas informações, sabe? Parece que fica lá, guardado no arquivo, não chega no psicólogo essa informação, eu acho que é muito difícil e eu sou uma pessoa que eu tenho quase 5 mil amigos psicólogos no Facebook, quase 5 mil são psicólogos. Eu tenho muita gente, bastante gente mesmo área, imagina aqueles psicólogos que não trocam, sabe? Eu acho que falta pensar neles, assim, porque tem que ter esse canal de troca, assim, tem que ter, até a obrigatoriedade, assim, de votar, sabe? Parece que, ah, eu já ouvi gente falar, assim, “mas, não é obrigado a votar”. Aí eu falo, “não, obrigado é, você paga uma multa de três reais, mas, é obrigado”, que vem junto com o boleto aí, não tem nem a justificativa, não precisa da justificativa. Se você não votou, eles vão te cobrar uma taxinha de pelo menos de três reais no boleto, mas, é obrigado e os psicólogos não sabem que é obrigado a votar, pensam que é facultativo. E isso distância a participação, né? Talvez, se fosse obrigado a votar, talvez, aí vou no “e se”, “se plantar pé de e se quase não seria”, aí talvez, se, se fosse obrigado a votar e soubesse que era obrigado a votar, e tivesse uma multa mais onerosa, aí os psicólogos iam se prontificar a saber quem são as chapas e o que elas estão

propondo. (...) Eu não sei qual foi o tema do último congresso de psicologia que teve para você tem uma ideia. Você sabe?

P: Tem o Ciência e Profissão que é trienal, né? Aqui em São Paulo, mas eu sinceramente eu não lembro o tema.

R: Não, então o Ciência e Profissão começou na Mostra, todos são Ciência e Profissão, mas, cada um tem um tema, né? Mas então, esse ano nem lembro mais qual que foi o último que teve.

P: Acho que teve um pouco antes da pandemia, posso estar enganado. Foi em 2018 ou 2019.

R: Foi em 2019, agosto de 2019. Um pouquinho antes, na inscrição das chapas, foi em março ou maio, porque a eleição é no dia do psicólogo. Então acho que foi em março, abril que teve o congresso. Eu lembro que as meninas foram e tal, e geralmente no Congresso quem escreve a chapa.

P: Entendi.

R: Mas, é isso.

P: Muito legal, Camila. Me ajudou bastante e vai me ajudar bastante.

R: Aí, que bom. Espero ter colaborado.

P: O que eu pensei aqui, aliás, vamos lá então, eu pretendo transcrever tudo, vou dar uma lida, e se eu tiver alguma dúvida, eu posso entrar em contato?

R: Pode, claro, até prefiro.

P: Tá, porque o que eu pretendo fazer, quando eu terminar a análise, terminar o trabalho, eu pretendo te apresentar.

R: Tá.

P: Tá, mas, de antemão, se eu tiver alguma dúvida antes, vou te procurar...

R: Claro, e eu estou disponível para te ajudar.

P: Eu agradeço. Aqui não tem conotação político-partidária. Eu entendo que a psicologia acaba sendo política, mas aqui, eu não tomo esse partido [acerca das chapas].

R: Sim, é, então. Eu também não, entendeu? Acho que a gente tem que ficar muito a par disso se a gente quiser fazer alguma coisa pela nossa profissão, né? Acho que não dá para misturar a tanto as coisas assim, né? As coisas vão tomando um viés muito de guerrilha, não é isso, né? Não quero guerrear com psicólogos, eu quero construir minha profissão, sabe? Quero construir coisas que a gente seja valorizada mesmo, coisa que a gente seja visto do como independente de divisão político-partidária, né?

P: Claro, Camila.

(...)

R: Boa sorte, adorei seu tema, foi muito bem escolhido, acho que a gente mexer nisso, né? Fico muito agradecida de você ter me procurado e de ter contribuído na sua pesquisa.

P: Fico feliz, que bom.

R: Quando for apresentar, me chama que eu vou lá prestigiar, tá bom?

P: Vai ser on-line. ((Risos)).

R: ((Risos)). Não tem importância, se puder participar como ouvinte, eu quero participar sim.

P: Beleza então, muito obrigado. Até mais.

R: Beijo, boa sorte, tchau.

Transcrição da entrevista reflexiva com a Psicóloga Natália

Legenda:

P: Pesquisador

R: Respondente (aqui nomeada como R)

((palavra))

(...) Demonstração de corte em trechos não relevantes.

Duração: 44:54

P: Boa tarde.

R: Olá, boa tarde, Fábio. Primeiro, vou começar pedindo um milhão de desculpas, pelos bolos que eu fui te dando, a minha vida é pedir desculpas para as pessoas, assim, é isso que dá fazer mais do que é possível. [O pesquisador tinha fechado a janela] Está muito barulho aí para você?

P: Eu vou abrir, é que meu vizinho toca saxofone, não sei se deu para perceber.

R: Não me incomoda. Aqui passa policia, bombeiro e eu estou com o aquecedor aqui ligado. Mas, diga Fábio, como posso ajudar?

P: Então, boa tarde, sou orientado pela professora Luciana, faço mestrado no PED, e a primeira coisa é que vou pedir autorização para gravar a nossa conversa, porque depois eu pretendo fazer uma transcrição, e eu tenho um roteiro aqui e vou contando um pouco, eu tenho basicamente duas perguntas a serem feitas e a partir disso pode surgir algum outro questionamento.

R: Tudo bem.

P: É só uma coisa só uma coisa, que eu imagino como seja a correria porque eu já fui estagiário no Conselho (...). Estou até trazendo isso porque parte da minha pesquisa nasce a partir da minha experiência no conselho, enquanto estagiário, e até contando um pouco mais sobre mim, eu fui estagiário da 2ª Mostra e também fazia algumas atividades no Crepop. Então acompanhei o lançamento de algumas referências, escrita, pesquisa, e aí, nessa época, me marcou, que muitos profissionais quando se aproximavam do Conselho tinham uma fala de que “olha, a faculdade não me preparou para isso”, sei lá, trabalhar no NASF, “a faculdade não me preparou para isso”, trabalhar com população de rua, “a faculdade não me preparou para isso”, fazer qualquer coisa. Então, num período posterior, eu fui para a academia também, no interior de São Paulo atuei como docente, também passei pelo campo da saúde e chego até aqui, o título

da minha pesquisa é “As muitas psicologias reflexões sobre os diferentes projetos ético-políticos da profissão para pensar na formação”, eu tenho interesse basicamente em dialogar sobre essas duas questões, formação e atuação. Aqui, eu vou partir da atuação, os objetivos da pesquisa são pensar a atuação na pandemia, pensar o projeto ético-político da profissão, e se, possível pensar sobre a formação. Eu acompanhei recentemente, também, algumas discussões que estavam sendo compartilhadas com a ABEPsi acerca das novas Diretrizes também, então, eu fui me aproximando dessa questão atuação e formação, atuação porque eu entendo que não tinha como não considerar o contexto da pandemia, a partir do momento que eu estou na academia, que eu estou fazendo uma pesquisa. E para fazer essa pesquisa, então, eu conversei com o Luciana, e tudo mais, e a gente entendeu que seria interessante conversar com as duas chapas que concorreram no último pleito a administração do CRP São Paulo, na semana passada eu conversei com uma representante da outra chapa e agora eu estou conversando com a senhora. E então, eu antes de fato, eu vou ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em anexo).

R: Estou de acordo, Fábio. Tranquilo, fique à vontade aí.

P: Então, a primeira coisa que eu gostaria de perguntar é como que a senhora se apresenta e como que a senhora se aproximou desse movimento, desta chapa.

R: Eu sou psicóloga, né? Eu já trabalho há 15 anos com políticas públicas, mais especificamente de atenção e gestão de situações de violência, eu trabalhei na Secretaria de Segurança, em serviços de atendimento especializado para adolescentes e para mulheres em situação de violência, medidas socioeducativas, CRAS, então, eu venho das políticas públicas, e também, sou docente e já trabalhei em algumas universidades. E ainda durante a graduação, por conta do movimento antimanicomial, eu acabo me aproximando do CRP, era uma época, que foi em meados de dois mil, em que a gente, o CRP dava muito apoio é de transporte, em especial, para os movimentos antimanicomiais e os movimentos estudantis, e eu era representante do centro acadêmico da Universidade que eu estudava, e fui me aproximando do Conselho, é, por essas discussões, por realização de eventos integrados, e me lembro que fui me inscrever no Conselho, era um período de COREP, de pré-congresso e nesse momento, eu fui eleita delegada naquele pré-congresso, nem sabendo muito bem o que estava acontecendo e dali fiquei, né? Então, desde 2009, efetivamente próxima do CRP. Aí, eu fui colaboradora, então, das comissões gestoras, fui organizando, na época, algumas comissões, (...) e nessas, construindo aí um conjunto de articulações e um conjunto de ações. (...) Em especial, a gente viveu um momento difícil e formou uma frente em defesa da psicologia brasileira e nessa formação da

frente, (...) a gente se abriu, então, com um conjunto de reuniões abertas, de planejamentos abertos para construir essa chapa com pessoas de muitas formações, de muitas áreas de atuação distintas, com um objetivo principal, que era enfrentar ali, as teses mais conservadoras do campo da psicologia, naquele momento, mas também, seguir avançando, tentando produzir um conselho mais modernizado, mais acolhedor, mais próximo da categoria, e também avançar aí nas formas de orientação e nas pautas de defesa de direitos. Então, eu vou chegando um pouco por aí, com essa função de articulação de pessoas de diversos grupos para que a gente construísse essa frente.

P: E o que seria um conselho mais acolhedor?

R: Pois é, né? Acho que a gente tem uma história dum Conselho que ele surge como uma delegacia, em que a lógica repressiva punitiva é bastante caracterizada, muitas pessoas com medo do diálogo com o conselho, com medo de compartilhar suas práticas profissionais, então a ideia foi tentando criar canais mais democráticos para que as pessoas pudessem compartilhar suas experiências, tirar suas dúvidas em relação ao processo, agora, estou acompanhando a criação de um programa de orientação permanente, né? Quase como o que a gente vive nas políticas públicas de educação permanente para as psicólogas, e aí pensando em outras modalidades e em modalidades que acabam gerando, em especial demandas, (a videochamada travou), e, você ouviu alguma coisa que eu falei?

P: Deu uma travadinha quando a senhora falou “demandas”, “em especial demandas”.

R: Demandas dos processos éticos e de orientação que vão chegando nas nossas duas comissões principais, que é a comissão de orientação e fiscalização e a comissão de ética, então, a ideia da produção de um Conselho acolhedor, de um espaço de referência para a categoria e para a sociedade.

P: A senhora comentou, que dessa trajetória até formação da chapa, que a senhora era oriunda de um determinado movimento, até a questão relacionada ao movimento estudantil, e como que a senhora enxerga a chapa hoje, no sentido dessa constituição até chegar ao momento de concorrer a eleição?

R: Então, é realmente não somos um grupo muito diverso, assim, a gente fez ali uma batalha, né? Até nos últimas gestões a gente não tinha uma expressividade de pessoas negras, né? A gente saiu com um terço de pessoas negras na chapa, uma mulher trans, pessoas de outras abordagens que historicamente estavam mais distantes da profissão, assim, dessa organização

com representantes da análise do comportamento, com representantes da Gestalt, da psicanálise, como áreas centrais. Então, vou entendendo que a gente foi produzindo novas conexões que não existiram em momentos anteriores, assim, muito por essa intenção de falar assim “vamos unir forças com as forças progressistas como um todo”, então, assim, houve um movimento de busca ativa mesmo, do diferente, do contraditório, acho que isso aconteceu de maneira explícita, né? Eu pessoalmente fui procurando essas pessoas que em outros momentos fizeram críticas, para que a gente pudesse, então, produzir uma nova síntese efetivamente.

(...)

P: Entendi. É curiosa essa questão das abordagens porque eu venho da Gestalt-terapia e o meu encontro com a Luciana acaba se dando através da fenomenologia, da hermenêutica, mas, pelo que eu acompanhei, e aí, no período que eu estive no interior (...), tendo algum breve contato com o CRP do Mato Grosso do Sul, a impressão que eu tenho é que quase sempre é uma galera que é da sócio-histórica se interessando, se aproximando da psicologia social.

(...)

R: Então, mas assim, acho que aí tem muito a ver com comigo, essa coisa de ir de abrindo, né? Entendo que a gente, eu trabalho com psicologia sócio-histórica, e no plenário é isso não é uma questão de hegemônica, a gente tem paus, né? Porque, sei lá, tem lá o pessoal fazendo uma conversa da psicologia por evidências enquanto tem outros lá num outro lugar, e que de alguma forma isso é muito bom, porque vai ampliando a representatividade da própria profissão, né?

(...)

P: Focando um pouco mais agora no que eu estou olhando agora no mestrado, qual é a concepção de atuação profissional na situação de pandemia para a chapa da qual senhora faz parte? Porque eu acessei, eu tenho acessado o portal do Conselho regularmente, aqui, desde sempre foram publicadas algumas notas, algumas reportagens, algumas orientações, a questão do atendimento remoto também, até ampliando e levando para o Federal, é algo que também foi discutido em algum momento, mas, ao seu ver, assim, enquanto representante, o que se espera da profissional nesse momento para lidar com esse fenômeno?

R: Eu acabei acompanhando, né Fábio? O processo desde o início e acho que como eu fui dizendo, nós enquanto conselheiras, nem todas temos apropriação em todas as áreas, né? É então, uma das primeiras medidas, ainda em março do ano passado, foi uma chamada de especialistas do campo das emergências e desastres e da discussão de crise em saúde, né? E aí,

a gente fez uma grande organização durante praticamente um ano, a gente mudou a organização interna do CRP e foi trabalhando, entendendo que estamos vivendo uma situação (a videochamada travou), minha conexão não está boa, né?

P: Tudo bem, “entendo que estamos vivendo uma situação de”, por favor.

R: De pandemia, né? De emergência, desastre e calamidade. Então a gente vai tentando construir via essa abordagem em parceria com as colegas da Fiocruz, né? Capacitando, também, internamente as pessoas e orientando a nossa própria equipe técnica, né? E aí, a gente decidiu criar alguns eixos, né? Que é o eixo de orientação a categoria, um eixo relacionado a situação de emergência e desastre, um eixo relacionado a articulação para defesa de direitos, então, buscando essas questões, um estes de reorganização interna do próprio conselho, né? Pelas questões administrativas, e um de comunicação com a sociedade, buscando orientar, aí orientar mais diretamente a sociedade em relação à questão o autocuidado, saúde mental, relacionamento, cuidado com a pandemia, dessas questões. E aí, acho que uma das questões que a gente foi trazendo, em específico, da atuação das psicólogas, é do reconhecimento, então, é dos determinantes sociais em saúde que vão produzindo o processo de adoecimento e qual que seria a nossa possibilidade de intervenção, a gente entende que é uma intervenção não exclusiva no campo da saúde ou da saúde mental, é que tem questões aí para educação, questões para recursos humanos, tivemos muitas demandas com as profissionais da área hospitalar também, a gente fez uma pesquisa sobre a atuação das psicólogas na pandemia que deve estar saindo nos próximos dias e que foi mostrando mesmo, ainda uma atuação que é eminentemente do atendimento em psicoterapia remoto e que é uma preocupação da nossa parte. Até porque nós escrevermos, provocamos o governo do estado para que introduzisse a discussão sobre saúde mental, acesso a direitos e a educação, como estratégicos para o enfrentamento da pandemia, então, nossa compreensão é uma compreensão um pouco mais integrativa, né? De que os saberes psicológicos e a atuação das psicólogas no âmbito das políticas públicas poderia ir de alguma forma ofertar melhores condições de vida para a população na mitigação de riscos e na mitigação de problemas decorrentes da própria pandemia. Do ponto de vista das questões relacionadas a saúde mental, eu acho que a gente discutiu muito o que significa acolhimento em saúde mental em situação de crise, de emergências e desastres, entendendo que não é uma psicoterapia clássica e tentando produzir essa discussão com as psicólogas, né? A gente foi muito demandado em relação às questões relativas ao luto, em especial, por conta de uma nota técnica que falava sobre o manejo de corpos em que o governo federal orientava que as psicólogas que dessem as notícias de morte nos hospitais, e aí a gente foi tentando implementar

de que não é esse nosso papel, de como que a gente vai se organizando e vai fazendo essa discussão no campo da saúde, responsabilizando-se inclusive os médicos que vão fazendo acompanhamento dessas usuárias e desses usuários, e acho que a outra questão que nos tem sido muito cara é relativa à educação básica. Então, de como as psicólogas podem atuar em equipe nesse momento, entendendo e inclusive, rechaçando, o programa estabelecido pelo Dória em relação à saúde mental de professoras da comunidade escolar, como um todo, família, as crianças e adolescentes, entendendo, que não é essa discussão que está posta sobre a educação, sobre os processos de produção um saúde na escola e acho que para concluir, eu diria da nossa a preocupação também no âmbito da formação, né? Eu acho que a gente teve aí a discussão sobre os estágios, em especial, do nosso enfrentamento a lógica do ensino a distância entendendo, que a modalidade que hoje está sendo ofertada é de ensino remoto síncrono, praticamente ao vivo, ali, de interação na relação professor-estudante e que entendemos que não é possível, né? E mesmo os estágios, as práticas que estão sendo realizadas não são necessariamente práticas que revelam o sentido ético-político da profissão no território da profissão coletivamente. A psicoterapia on-line, ela é uma prática possível. E nesse momento, infelizmente, o que a gente tem visto é a profissão respondendo com a psicoterapia on-line como uma estratégia e entendemos que existem outras, todas as outras que eu falei, mas, eminentemente o que a profissão tem ofertado, as psicólogas como um todo, são essas modalidades de acolhimento em psicoterapia on-line.

P: Se eu não me engano, a senhora falou basicamente em quatro eixos, né? De atuação, de comunicação com a mídia, algo interno no conselho... A senhora poderia me ajudar?

R: Atuação em emergências e desastres, orientação e articulação com os órgãos de defesa de direitos, então a gente recebeu uma quantidade de denúncias, notas, demandas, assim, escrevi muitos documentos de orientação para as prefeituras do que deveriam fazer, qual que era o lugar da saúde mental, de como que a gente tipifica, como funciona, das dificuldades de acesso, então, a gente fez muita orientação, para a gestão pública, inclusive, em parceria com os movimentos populares dizendo ali de demandas que estavam postas e na verdade são cinco.

P: Entendi.

R: Depois, se você quiser até olhar, o [eixo] de comunicação para a sociedade, porque essa talvez seja uma compreensão conceitual de que nós, enquanto psicólogas nesse momento, a gente deve assegurar que a sociedade, as usuárias e os usuários tenham acesso à informação de qualidade e inclusive diante das fake news. Então, a gente foi assumindo também essa

necessidade de conter o pânico, mas também, ampliar a informação e aí, acho que era o nome da campanha foi “CRP Covid”, alguma coisa assim, eu posso olhar aqui e te falo.

P: Para voltar numa outra questão que a senhora mencionou, que foi sobre o sentido ético-político da profissão, se eu fui compreendendo adequadamente, seria não esgotar a atuação à estratégia de psicoterapia?

R: Isso. Eu acho que como eu falei, né? Primeiro chamava “Covid na real” e aí, assim, escrevi um artigo até sobre isso, com base nas publicações da *The Lancet* que falavam sobre atuação de profissionais da saúde na pandemia, e como falei, o primeiro item é esse do acesso à informação, informação de qualidade, combate à fake News, conter o pânico e acolher, defender o SUS, o SUAS, as políticas públicas, o acesso a direitos e de alguma forma compreendendo as necessidades específicas de cada uma das pessoas, o cenário do qual a gente tá vivendo ele é muito complexo, então, ele tem questões falam sobre o trabalho, que fala um sobre o desemprego, mais efetivamente, sobre a fome, sobre uma instabilidade política que produz também sofrimento de naturezas muito diversas, né? Até esses inacessos, o próprio isolamento, as questões relacionadas à violência e o que a gente imagina, né? Que a atuação das psicólogas deva se manter em todas as áreas das quais a gente já vem construindo estratégias de defesa de direitos, estratégias de possibilidade de cuidado mesmo da população em geral, e aí, isso tem muito a ver com o território, isso tem muito a ver com a construir dialogicamente, né? Não uma relação exclusivamente dual.

P: E aí a parte de uma leitura que é não tornar, por mais que eu pandemia, de alguma maneira, seja um fenômeno que cada pessoa acaba experienciando por uma determinada perspectiva, mas não tornar isso algo descolado muito do redor...

R: Eu acho que...

P: É algo social também. Desculpe interromper.

R: Imagina. A gente viu que os dados mostram processos de adoecimento ao longo da pandemia, né? E para nós, desde o primeiro momento a gente fez uma live sobre os danos psicológicos da Covid, entendendo que os danos são o emprego, são a insegurança, são a ausência de rede de apoio, tem um conjunto, bastante material, que vai produzindo sofrimento. Não é exclusivamente a minha experiência, né? Tem uma relação com uma totalidade social que não dá para ser negada. E ao ser negada, a gente patologiza extremamente as expressões humanas e que é isso, está difícil para todo mundo, a gente está cansado. Esgotado e o que que

a gente faz num contexto como esse? Vou tratar numa perspectiva adaptativa, como se isso não fosse tema? Houve um momento que todo mundo está trazendo, o tema do cuidado em psicologia foi a pandemia, né? A gente estava falando disso, eu sei, eu mesmo no consultório tive muitas pessoas em sofrimento, com traços mais obsessivos de TOC, é por conta da própria pandemia, sensações e sentimentos de morte eminente, é essa questão, assim, muito presente. E que foi disparado, né? E acho que vai nos mostrando essa correlação entre o que é um sofrimento psíquico com as nossas condições sociais.

P: Entendi, o termo patologiza, eu tinha pensado em algo biologizante, mas patologiza exprime bem o que eu estava pensando e também, como que a senhora avalia as ações então que foram tomadas? Porque foi algo que simplesmente aconteceu e aí, vocês até convidaram, convocaram os especialistas, uma espécie de comissão ad hoc para dialogar sobre o fenômeno, e então, foram traçadas algumas estratégias. Na sua opinião é possível avaliar isso que foi feito de alguma forma?

R: Ó, eu não teria esses dados aqui, se você quiser a gente pode falar com os outros setores que estão acompanhado, mas, nunca na história do Conselho a gente teve tanta interatividade como durante a pandemia e foi uma coisa realmente, assim, de muita demanda e a gente vai tentando responder o mais rápido possível as dúvidas. Como falei para você, a diretoria foi muito acionada, por serviços públicos, pelo município, pelos planos de enfrentamento, então, convidamos algumas professoras especialistas para a gente pensar as questões relacionadas ao luto, a gente apoiou a prefeitura e o governo do Estado, para criar os memoriais e as políticas em relação aos lutos coletivos e lutos singulares, e assim, o que o que a gente foi tentando fazer, foi ampliar mesmo a participação, mas, também foi muito difícil, né Fábio? Porque no Conselho todo mundo é voluntário, a maior parte das pessoas, e as pessoas também foram fenecendo, em condições de trabalho sucateados, as pessoas também foram ficando adoecidas, foram ficando cansadas, bom, então, assim, muito difícil construir dessa forma, a gente garantiu aí apoio às equipes técnicas, do que foi possível, né? Ainda não tinham desenvolvimento tecnológico adequado, estamos aí fazendo de tudo para poder avançar nessas questões, eu acho que a gente conseguiu atender as demandas da sociedade e da categoria, mas, nunca será o suficiente, né? Porque é isso, agora a gente está tentando acompanhar as pessoas do sistema prisional, aí tem questões da criança e adolescente, tem que as questões da saúde, das profissionais da hospitalar, uma relação de psicólogas por leito que a gente não consegue, a gente teve muitas questões com o trânsito, porque as psicólogas do trânsito ficaram todo esse tempo sem trabalhar, a maior

delas sem realizar atividades de perícia, as questões no sistema de justiça, então, de como que a gente assegura a realização de depoimento especial, de outras práticas de avaliação psicológica on-line, como que a gente vai utilizando os testes que já estão validados, instrumentos que já estão validados para a modalidade on-line, é, questões relacionadas a reabilitação na rede de saúde, os profissionais que saíram da assistência da sociedade, das usuárias e usuários, e foram fazer assistência aos trabalhadores, então, nada que a gente fizer será suficiente inclusive, porque, não existe uma política nacional de enfrentamento à pandemia que reconheça esse processo de mitigação de riscos, a mitigação de danos, e assim, a ausência de uma política pública de enfrentamento a pandemia nos afeta diretamente, né? Porque a gente acaba ficando nas ações mais isoladas, então, nesse sentido a gente tentou provocar muito também tanto o governo do estado quanto o governo federal, para um plano de imunização adequado que priorizasse as populações adequadas, mas, em muitos desses momentos a gente não teve nem resposta.

P: Sim. Estou satisfeito professora, acho que ficou legal.

R: Eu fiquei curiosa para saber o que que a colega falou, (...) eu até gostaria que se aproximassem mais, (...) é isso, o Conselho é uma máquina pública imensa e você esteve lá, viu, é muito difícil, né? Construir uma gestão dessa forma, é realmente um coletivo ultra comprometido nessa construção, aí, até eu te falar se você quiser, não sei se quer se aproximar da ABEPsi, (...), posso te apresentar e vocês conversam um pouco, que é sempre legal ter gente junto, né?

P: (...) até por questões pessoais, eu entendi que preciso terminar o mestrado para poder se aproximar me mais [da ABEPsi].

R: Boa, faça isso, Fábio. Estou à disposição. Espero que a gente possa ver os resultados, se você tiver sugestões inclusive da organização, de outras formas, estou aí à disposição e acho que até eu porque a cópia da sua da sua entrevista, que eu achei que falei coisas interessantes para a gente usar enquanto avaliação do processo, depois você quiser me mandar, agradeço.

P: Tá. Eu vou te disponibilizar também depois o TCLE por e-mail, eu só vou pedir, por mensagem, nome completo e CPF, mas, eu agradeço a participação, e eu gostaria de saber se eu posso entrar em contato se surgir alguma dúvida.

R: Pode, pode, fica à vontade.

P: Tá bom, obrigado. E eu pretendo ao término do trabalho, devolver essa análise, apresentar para quem colaborou.

R: Um beijão.

P: Até mais, obrigado. Beijo.

ANEXO 3 – Tabela descritiva “Unidades de sentido e Constelações”

Trecho	Unidade de sentido	Constelação
<p>A gente tem uma média de 40% da categoria que vota no dia da eleição. Esses 40%, a gente imagina, que uma das chapas sempre tem ali uma média de (...) 30% de eleitores que são cativos deles (...) Então a gente queria mobilizar esses 60% da categoria que não vota, nem sabe se é obrigada a votar ou se não é, porque que tem eleição, quais são as chapas, nunca ouviram falar, só foram no Conselho fazer carteirinha. Então a gente fez uma composição, com mais uma outra chapa, e então resolveu fazer uma composição que era 50% de cada. E com a outra chapa que concorreu não tinha como porque era uma coisa muito dispare. São ideologias muito diferentes.</p>	A minha chapa	Compressões de CRP
<p>Não era uma chapa em que a gente montou um grupo porque se conheceu num tal lugar, não. Pipocava gente de vários lugares e de vários jeitos. Inclusive da questão ideológica também, ideológica partidária (...), tinha gente que era bolsonarista na época, (...), tinha galera do PSOL, tinha militante do PSOL, (...), algumas pessoas que, assim, pessoas diferentes, e eu acho que isso deu uma graça até pra chapa.</p>	A minha chapa	Compressões de CRP
<p>“(…), encontrei com essa turma ‘vamos montar chapa’ e fui participando mais das reuniões como ouvinte, era um pessoal mais experiente e que estava acompanhando o que que estava acontecendo lá dentro. E era um pessoal muito experiente no sentido político mesmo, (...), eu percebia que ali tinha uma vontade de luta assim, sabe? Nesse grupo.. E foi isso que foi me encantando, eu acho. Por que</p>	A minha chapa	Compressões de CRP

<p>eles faziam, (...), eles têm uma história mais ativa dentro da psicologia.</p> <p>(...) não somos um grupo muito diverso, assim, a gente fez ali uma batalha. (...) A gente não tinha uma expressividade de pessoas negras, a gente saiu com um terço de pessoas negras na chapa, uma mulher trans, pessoas de outras abordagens que historicamente estavam mais distantes da profissão, assim, dessa organização com representantes da análise do comportamento, com representantes da Gestalt, da psicanálise, como áreas centrais. Então, vou entendendo que a gente foi produzindo novas conexões que não existiram em momentos anteriores, assim, muito por essa intenção de falar assim “vamos unir forças com as forças progressistas como um todo”, então, assim, houve um movimento de busca ativa mesmo, do diferente, do contraditório, acho que isso aconteceu de maneira explícita. Eu pessoalmente fui procurando essas pessoas que em outros momentos fizeram críticas, para que a gente pudesse, então, produzir uma nova síntese efetivamente</p>		
<p>(...) quem já está formado e tal, eu acho que falta a união dos psicólogos, assim, ter espaços de discussão, espaços de discussão democrático, sabe? Onde consegue escutar o outro.</p> <p>(...) Frequentar o CRP, ter esse métier de psis, fazia diferença naquela época. E aí, eu fui percebendo que o CRP foi esvaziando, né? Esvaziando e enchendo. (...) Parece que o CRP fechou assim. Não tinham as</p>	<p>Relação entre categoria profissional e CRP</p> <p>Sobre o CRP</p>	<p>Compressões de CRP</p>

<p>chamadas. Eu achei meio estranho, porque a gente não ouvia mais “ah, vai ter uma plenária” e “vamos falar sobre direitos LGBT’s”, “direito do negro”. Naquela época tinha, eu fui pra ver “Teoria dos Campos” eu fui assistir lá, um monte de palestrante que eu acabei conhecendo, que ia lá e ia falar sobre determinado assunto e isso, acabou.</p>		
<p>“(…) o Conselho é uma máquina pública imensa.”</p>	Sobre o CRP	Compressões de CRP
<p>Nós temos psicólogos no Brasil que estão trabalhando em comunidades terapêuticas. E a gente tem um grupo de psicólogos que não... Que participa da luta antimanicomial e acredita na não-institucionalização. Né? A gente tem essas duas psicologias, digamos. A gente tem a psicologia, o psicólogo, o profissional que aceita, quer trabalhar, e esse psicólogo que trabalha em comunidade terapêutica, ele tem uma responsabilidade técnica, tem um saber, tem o conhecimento. Ele tem que ser considerado dentro desse saber e desse conhecimento. E o que sinto um pouco é que no CRP atual, nessa constituição do sistema, não é aberto, não tem diálogo com essas pessoas.</p> <p>“(…) seguir avançando, tentando produzir um Conselho mais modernizado, mais acolhedor, mais próximo da categoria, e também avançar aí nas formas de orientação e nas pautas de defesa de direitos.</p>	Sobre o CRP Projetos para o CRP-SP	Compressões de CRP
<p>Eu trabalhei aqui, dois anos como voluntária em uma instituição de saúde, tinha 16 psicólogos, era uma dificuldade para fazer um prontuário, para um psicólogo</p>	Atuação profissional / Sobre o CRP	Compressões de CRP

<p>fazer um prontuário, porque não tinha prática (...), achava que não precisa. Acha que não precisa, “acho que não preciso trabalhar com a tabela do CRP, de honorário”, “eu acho que eu não preciso trabalhar de acordo com a norma que tá lá”, “eu acho que eu não preciso” porque não tenho disciplina, não tem fiscalização e não tem orientação, sabe? Que seria essa função do CRP. Função do CRP não é fazer carteirinha, né? A função do CRP não é tá fazendo coisas do sindicato, digamos. Não é. A função é orientar, fiscalizar e disciplinar.</p>		
<p>[O CRP] tá querendo comprar mais sede, abrir mais sede (...) meu, pra que tanta sede se não tem ninguém lá dentro? Sabe? Arruma um lugar pra fazer coisas, pra chamar as pessoas, clube, sei lá. Alguma coisa que os psicólogos possam conviver entre eles, sabe? Tem clube dos magistrados, não tem? Clube, sabe? Uma coisa que a gente possa ter essa troca, né?</p>	<p>Sobre o CRP / Projetos para o CRP-SP</p>	<p>Compressões de CRP</p>
<p>“agora vem a discussão porque os testes psicológicos”, “ah, porque agora todo mundo vai poder aplicar teste psicológico, porque é um absurdo, porque o coaching vai lá na Vetor comprar teste e tal”. Mas, tem dois vieses, eu escutei bastante sobre isso, né? Mas, eu acho que tem a coisa do não ser exclusivo do psicólogo não influencia tanto, eu acho que é a formação, o olhar... Eu acho que vai bem de encontro assim, com a formação. Né? Eu acho que eu tive uma puta sorte assim, na minha vida, de encontrar pessoas que fizeram a diferença na minha profissão, sabe? Eu fui me envolver com pessoas que eu conheci lá no CRP, profissionalmente...</p>	<p>Discussões atuais em psicologia / A formação da acadêmica da psicóloga / Projetos para o CRP-SP</p>	<p>Compressões de CRP</p>

<p>o CRP tem materiais ótimos, excelentes, mas, que não são disponibilizados, né? Não é que não são disponibilizados, o psicólogo não sabe, entendeu? (...). Eu acho que falta alguma coisa, acho que falta alguma coisa no sentido de quando que eu, quando que o psicólogo tem vínculo com o CRP, sabe? Quando o psicólogo tem vínculo com as informações que o CRP produz? Para onde que vão essas informações, sabe? Parece que fica lá, guardado no arquivo, não chega no psicólogo essa informação.</p>	<p>Relação entre categoria profissional e CRP</p>	<p>Compressões de CRP</p>
<p>Como falei para você, a diretoria foi muito acionada, por serviços públicos, pelo município, pelos planos de enfrentamento</p>	<p>Relação entre categoria profissional e CRP</p>	<p>Compressões de CRP</p>
<p>(...) Tiveram muitas faculdades de psicologia, o CRP ficou saturado de psicólogo, não acompanhou essa evolução... (...). E formação nenhuma, assim. Participação, nenhuma, COREP não tem mais, ENEP não tem mais... Congresso, só vai quem vai apresentar trabalho, ou que tem algum envolvimento, em algum fórum, alguma coisa, o psicólogo que foi despejado no mercado, que veio das universidades particulares, nem tá sabendo o que é congresso de psicologia, nunca foi num congresso de psicologia, não sabe. ((Risos)). Não tem noção do que é um congresso, o que ele vai fazer num congresso, acabou de se formar e tá desempregado.</p>	<p>Formação acadêmica da psicóloga</p>	<p>Compressões de CRP</p>
<p>Eu acho que eles [CRP] podiam investir em cursos ou capacitações on-line. (...) Tem psicólogo aí que não conhece nem código de ética, entendeu? Só trabalhando com LGBT porque ele é LGBT, ele tá trabalhando de coaching, por que ele fez um curso de uma semana de coaching, entendeu? Se tiver</p>	<p>Projetos para o CRP-SP A formação da psicóloga</p>	<p>Compressões de CRP</p>

<p>um enquadro, um cuidado maior, eu acho que a coisa melhora, entendeu? Acho que falta a visão e falta visão de dar um curso como cobrar, né? Vem tanto psicólogo oferecendo preço social, o que é isso? Oferecendo “eu tenho preço social”. Olha o ponto que a gente chegou “eu atendo por 30 reais”, “eu atendo por 20 [reais]”.</p>		
<p>Eu precisava de uma certidão, cheguei lá e dei com a cara na porta, não tem telefonista trabalhando. Todos os órgãos públicos já tinham voltado, seguindo o protocolo de segurança e tal, e o CRP está fechado até hoje. A porta fechada, só fica o guarda lá dentro, não tem uma pessoa para te dar uma informação, não tem uma telefonista para atender um telefone, não tem nenhum funcionário. Estão todos on-line, na casa deles.</p>	<p>Atuação do CRP em situação de pandemia</p>	<p>Atuações da psicóloga na pandemia</p>
<p>(...) nas restrições parei de atender, depois atendi on-line, com o meu psicólogo eu estou fazendo on-line, estou achando ruim, não acho que é o melhor a se fazer, não consigo, e é isso. Aí eu fui eu fiz terminei uma pós e agora vou começar a trabalhar com outra coisa, é isso que eu estou falando, tipo vamos nos reinventar, fazer pós, estudar, se formar, fazer outras coisas. (...) Eu trabalhei [em outras áreas da psicologia]. Então, eu falei, “ah vou mudar um pouco” e aí terminei a pós (...). Tem que dar entrada na documentação de PJ no CRP e fazer documentação do CRP. E aí então, por isso que eu fui lá também, tal, para pegar essas certidões só que tá fechado, é tudo por e-mail, aí demora 15 dias 10 dias para responder o e-</p>	<p>Atuação da psicóloga em situação de pandemia</p>	<p>Atuações da psicóloga na pandemia</p>

<p>mail. Complicado, né? É porque eles não têm pessoal trabalhando, né? Deve estar bem precária a coisa, são muitos psicólogos. Quantos psicólogos são em São Paulo? Não lembro quantos psicólogos tem.</p>		
<p>(...) Acho que ficou bem desorganizado isso, eu fiz esse cadastro, depois eu fiquei sabendo que não precisava fazer o cadastro, depois eu procurei lá e não sei se tinha que eu tinha que aguardar o CRP dar aval. Mas, aí agora não precisa mais do aval do CRP e podia atender on-line (...).</p>	<p>Atuação do CRP em situação de pandemia</p>	<p>Atuações da psicóloga na pandemia</p>
<p>(...) eu achei seguro, eu achei que não tem problema de invasão, de alguém pegar e clonar o celular, e vai escutar, a sessão não fica gravada, eu faço a sessão e depois faço as minhas anotações, os meus registros e é isso. Agora eu acho que falta um manual de boas práticas, alguma coisa assim, né? Eu acho que tem muito psicólogo que ainda está perdido, eu acho. Às vezes eu participo de grupo, de reunião, e aí pessoal faz em qualquer lugar, liga o celular, liga o WhatsApp, agora os aplicativos, o Meet, o Zoom pega no celular também, então (...), eu gosto de fazer mais no tablet, mas, o pessoal usa mais o celular e fica essa coisa, assim, meio desorganizada.</p>	<p>Atuação da psicóloga em situação de pandemia</p>	<p>Atuações da psicóloga na pandemia</p>
<p>(...) Nós, enquanto conselheiras, nem todas temos apropriação em todas as áreas. Então, uma das primeiras medidas ainda em março do ano passado, foi uma chamada de especialistas do campo das emergências e desastres e da discussão de crise em saúde, né? E aí, a gente fez uma grande organização durante praticamente um ano, a gente mudou a organização interna do CRP e foi trabalhando,</p>	<p>Atuação do CRP em situação de pandemia</p> <p>Atuação da psicóloga em situação de pandemia</p> <p>A produção de saberes no enfrentamento a pandemia</p>	<p>Atuações da psicóloga na pandemia</p>

<p>entendendo que estamos vivendo uma situação de pandemia, de emergência, desastre e calamidade. Então a gente vai tentando construir via essa abordagem em parceria com as colegas da Fiocruz (...).</p>		
<p>Acho que uma das questões que a gente foi trazendo, em específico, da atuação das psicólogas, é do reconhecimento, então, é dos determinantes sociais em saúde que vão produzindo o processo de adoecimento e qual que seria a nossa possibilidade de intervenção, a gente entende que é uma intervenção não exclusiva no campo da saúde ou da saúde mental, é que tem questões aí para educação, questões para recursos humanos.</p> <p>(...) a atuação das psicólogas deve se manter em todas as áreas das quais a gente já vem construindo estratégias de defesa de direitos, estratégias de possibilidade de cuidado mesmo da população em geral, e aí, isso tem muito a ver com o território, isso tem muito a ver com a construir dialogicamente, né? Não uma relação exclusivamente dual.</p>	<p>Atuação da psicóloga em situação de pandemia</p>	<p>Atuações da psicóloga na pandemia</p>
<p>(...) Nós escrevermos, provocamos o governo do estado para que introduzisse a discussão sobre saúde mental, acesso a direitos e a educação, como estratégicos para o enfrentamento da pandemia, então, nossa compreensão é uma compreensão um pouco mais integrativa, de que os saberes psicológicos e a atuação das psicólogas no âmbito das políticas públicas poderia ir de alguma forma ofertar melhores condições de vida para a população na mitigação de riscos e na mitigação de problemas decorrentes da própria pandemia.</p>	<p>Atuação do CRP em situação de pandemia</p> <p>Atuação da psicóloga em situação de pandemia</p> <p>A produção de saberes no enfrentamento a pandemia</p>	<p>Atuações da psicóloga na pandemia</p>

<p>Do ponto de vista das questões relacionadas a saúde mental, eu acho que a gente discutiu muito o que significa acolhimento em saúde mental em situação de crise, de emergências e desastres, entendendo que não é uma psicoterapia clássica e tentando produzir essa discussão com as psicólogas</p>		
<p>Depois, se você quiser até olhar, o [eixo] de comunicação para a sociedade, porque essa talvez seja uma compreensão conceitual de que nós, enquanto psicólogas nesse momento, a gente deve assegurar que a sociedade, as usuárias e os usuários tenham acesso à informação de qualidade e inclusive diante das fake news. Então, a gente foi assumindo também essa necessidade de conter o pânico, mas também, ampliar a informação (...).</p>	<p>Atuação do CRP em situação de pandemia</p>	<p>Atuações da psicóloga na pandemia</p>
<p>(...) voltando a falar dos testes, falta um pouco dentro dessa formação a gente se olhar mais, se valorizar mais, ter valor também, né? Porque você vai numa faculdade, que nem eu fui assistir aula na universidade, uma vez, de psicologia, e o professor não dava nada, só dava trabalho em grupo. O professor de psicologia. A pessoa fica desinteressada, como que ela vai achar que tem valor se ela não aprendeu nada na faculdade, de fato?</p>	<p>A formação acadêmica da psicóloga</p> <p>Compreensão social da profissão</p>	<p>Atuações da psicóloga na pandemia</p>
<p>Eu acho que a gente teve aí a discussão sobre os estágios, em especial, do nosso enfrentamento a lógica do ensino a distância entendendo, que a modalidade que hoje está sendo ofertada é de ensino remoto síncrono, praticamente ao vivo, ali, de interação na relação professor-estudante e que entendemos que não é possível, né? E mesmo os estágios, as práticas que estão</p>	<p>Atuação da psicóloga em situação de pandemia</p> <p>A formação acadêmica da psicóloga</p>	<p>Atuações da psicóloga na pandemia</p>

<p>sendo realizadas não são necessariamente práticas que revelam o sentido ético-político da profissão no território da profissão coletivamente. A psicoterapia on-line, ela é uma prática possível. E nesse momento, infelizmente, o que a gente tem visto é a profissão respondendo com a psicoterapia on-line como uma estratégia e entendemos que existem outras, todas as outras que eu falei (...).</p>		
<p>“Espero que a gente possa ver os resultados, se você tiver sugestões inclusive da organização, de outras formas, estou aí à disposição e acho que até eu porque a cópia da sua da sua entrevista, que eu achei que falei coisas interessantes para a gente usar enquanto avaliação do processo”.</p> <p>“Adorei seu tema, foi muito bem escolhido, acho que a gente tem que mexer nisso, né? Fico muito agradecida de você ter me procurado e de ter contribuído na sua pesquisa.”</p>	<p>A produção de saberes no enfrentamento a pandemia</p>	<p>Atuações da psicóloga na pandemia</p>